

Mônica Day Omia Mishima

Luciano de Samósata e a teoria clássica do riso

Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre
em Linguística pelo programa de
Pós Graduação em Linguística do Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas.
Orientador: Prof. Dr. Trajano Vieira

Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas
Campinas
2011

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Mishima, Mônica.

Luciano de Samósata e a teoria clássica do riso / Mônica Day Omia Mishima. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

M687L

Orientador : Trajano Augusto Ricca Vieira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Luciano, de Samosata. 2. Segunda sofística. 3. Riso. 4. Sátira. I. Vieira, Trajano Augusto Ricca. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: Lucian of Samosata and the classic theory of laughter.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Lucian of Samosata; Second Sophistic; Laughter; satire.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre Linguística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira (orientador), Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira, Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes. Suplentes: Profª. Dra. Josiane Teixeira Martinez e Prof. Dr. José Carlos Baracat Jr.

Data da defesa: 22/02/2011.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.



BANCA EXAMINADORA:

Trajano Augusto Ricca Vieira

Trajano Vieira

Flávio Ribeiro de Oliveira

Flávio

Daniel Rossi Nunes Lopes

Daniel Rossi Nunes Lopes

Josiane Teixeira Martinez

José Carlos Baracat Jr

Agradecimentos

- À dra Ana Paula Terra Miethke e à Telma Iara Mazzocato, por acreditarem em mim.
- Aos meus pais e à minha irmã, por estarem ao meu lado, mesmo sem entender muito bem o que eu estava fazendo.
- Ao professor Trajano Vieira, pela orientação e pelas aulas de grego clássico; aos membros da banca: professor Flávio Ribeiro e professor Daniel Rossi por terem avaliado este trabalho; ao prof. Roberto Romano, por ter me apresentado à obra de Luciano de Samósata, e ao seu ex-orientando Fernando Augusto Bee Magalhães por ter me recomendado a obra que deu origem aos estudos da dissertação.
- Aos amigos Bruna Torlay e Leonardo Rennó, pelo apoio acadêmico e pessoal imprescindível dos últimos oito anos; ao amigo Alfredo Manoel de Rezende Silva, por ter me passado o texto utilizado em grego e pelas sugestões na tradução; à Samara Flamini Kiihl, por ter conseguido uma cópia de um dos livros essenciais à pesquisa; aos amigos Felipe Antonio, Fernanda Andrade Matos, Gina Faria Arduino e Mariana Lima Bomfim por existirem.
- À FAPESP pelo apoio financeiro concedido.

Epígrafe

“A sátira, na linha de Luciano, é séria e cômica ao mesmo tempo. Se o pensamento é apenas sério, ele facilmente cai na armadilha dogmática, degenerando em fanatismo. Se for apenas engraçado, não atinge a polifacetada experiência humana. Como a razão, a sátira abarca os vários ângulos do real, sem prender-se com exclusividade a um deles.”

Roberto Romano

Resumo:

Ao percorrer as obras satíricas de Luciano de Samósata, notamos a incongruência entre as falas e as ações de algum personagem (ou de muitos) como motivo de riso. De acordo com Quentin Skinner e Verona Alberti, diversos pensadores da Antiguidade Clássica estabelecem tal contraste entre o que se é e o que se aparenta ser como única causa do humor. Pretendemos, com o presente estudo, esboçar como essa teoria clássica do riso se apresenta na obra *O Banquete ou os Lápitás*, sátira aos filósofos do autor supracitado.

Abstract:

Going through the satirical works of Lucian of Samosate, we may notice the incongruence between the speech and the actions of one or many characters as the reason for laughter. According to Quentin Skinner and Verona Alberti, some thinkers from the Classical Antiquity established the contrast of what one is and what one appears to be as the sole motive for laughing. Through this research, we intend to sketch how the classical theory of laughter is presented in *Symposium or the Lapiths*, a satire on philosophers by the aforementioned author.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo 1 - Luciano de Samósata.....	9
Capítulo 2 – Teoria Clássica do Riso.....	13
Capítulo 3 – Os Banquetes.....	17
Capítulo 4 – Análise do Texto.....	19
Capítulo 5 - Tradução de ΣΥΜΠΟΣΙΟΝ Ἡ ΛΑΠΙΘΑΙ.....	30
Bibliografia.....	83

I- Introdução

Embora a sátira de Luciano de Samósata tenha influenciado autores importantes da literatura como Erasmo de Roterdã e Tomás Moro¹, Voltaire² e Machado de Assis³, são escassas as traduções de suas obras para o português. Foram lançadas no país poucas traduções, sendo três de uma mesma obra, *Diálogo dos Mortos*⁴ e, recentemente, *Como se deve escrever a história*⁵. Há diversas traduções lançadas apenas em Portugal, dentre elas: *O Mentiroso*⁶, *O Parasita*⁷ e *Diálogos dos Deuses*⁸. Os trabalhos acadêmicos sobre Luciano também são raros no Brasil e concentram-se nas obras *Como se deve escrever a História e Histórias Verdadeiras*. No entanto, não é apenas no Brasil que a produção acadêmica sobre o autor é escassa: o livro mais recente utilizado como referência no presente trabalho foi publicado em 1999, e outros, como *Lucian's Satire*⁹, encontram-se fora de circulação. Faltam também edições críticas de suas obras, bem como artigos publicados.

Por um lado o presente trabalho pretende contribuir para uma maior divulgação do autor no Brasil, e, por conseguinte, se inserir no quadro de traduções recentes da literatura grega para o português e, por outro, estimular a discussão acerca de outros aspectos da obra de Luciano de Samósata, a saber, o humor em suas sátiras, mais especificamente em *O Banquete ou os Lápitias*.

No primeiro capítulo será traçado um panorama geral sobre o autor: sua vida, suas obras e o período cultural em que viveu. O segundo capítulo será dedicado à teoria clássica do riso, nome dado por Quentin Skinner ao conjunto de características comuns encontradas em algumas passagens sobre o riso nas obras de autores gregos e latinos, com a inclusão do estudo de Verona Alberti sobre o riso em que a autora analisa o riso nos mesmos autores. No terceiro capítulo pretende-se verificar a influência de obras homônimas anteriores a O

¹ Responsáveis pela primeira edição da tradução em latim de Luciano, de acordo com Marsh em *Lucian and the Latins*.

² Voltaire escreveu *Conversation de Lucien, Erasme e Rabelais dans les Champs Elysées* (1765).

³ Machado de Assis chama Luciano de 'pai da ironia' em seu conto *Teoria do Medalhão* (1881).

⁴ Henrique Murachco (EDUSP, 1996), Maria Celeste Dezotti (Hucitec, 1996) Américo da Costa Ramalho (UNB, 1998)

⁵ Jacyntho Lins Brandão, Tessitura, 2009.

⁶ Custódio Magueijo, Edições Colibri, 1995.

⁷ Aníbal Fernandes, Publicações Culturais Engrenagem, 1981.

⁸ Reina Troca Pereira, Edições Europa-América, 2008.

⁹ Jennifer Hall, Ayer Co Pub, 1981.

Banquete de Luciano para no capítulo seguinte serem analisados trechos em que a 'teoria clássica do riso' pode ser aplicada para descrever sua comicidade. Por fim, a tradução do grego clássico para o português do texto *O Banquete ou os Lápitais*.

Capítulo 1- Luciano de Samósata

a) Vida

Pouco pode se afirmar com certeza acerca da vida de Luciano. Sua data de nascimento, estimada entre 115 d.c. e 125 d.c., é conjecturada pelo último fato histórico citado em suas obras: a morte de Marco Aurélio em 180 d.c. no parágrafo 48 de *Alexandre ou o Falso Profeta*. Sendo essa sua última referência histórica, costuma-se crer que Luciano morreu pouco tempo depois, o que colocaria sua data de nascimento entre 115 d.c e 125 d.c., considerando a expectativa de vida na época em 60 anos. Além disso, Luciano afirma ter estado presente à morte de Peregrino, o qual se jogou em uma pira olímpica em 165 d.c..

No texto biográfico *O Sonho*, Luciano conta como supostamente decidiu se tornar orador: diz ele que fora aprendiz de escultor de seu tio, pois levava algum jeito para exercer a atividade, que apresentava algumas vantagens. No entanto, após quebrar um bloco de mármore, sonha que Técnica(τεχνή) e Educação(παιδεία) disputam-no entre si. A Técnica é caracterizada como uma mulher mal vestida, rude, de linguajar gramaticalmente errado (βαρβαριζοῦσα), e o autor opta por seguir a παιδεία em sua carruagem pelos céus, após ouvir suas promessas de riqueza e fama.

A vida adulta de Luciano é o tema de *Dupla Acusação*, texto fantasioso em que um orador sírio é acusado pela Retórica de abandoná-la pelo Diálogo, e pelo Diálogo de torná-lo um 'centauro literário', ao fazê-lo abandonar as divagações metafísicas pela sátira. A Retórica afirma que graças a ela ele conseguiu fama e fortuna, viajando pela Grécia e pela Jônia até a Gália. Luciano, por sua vez, afirma que aos poucos foi descobrindo a máscara da retórica e aos cerca de quarenta anos, decidiu abandoná-la pelo estudo do diálogo filosófico. No entanto, imprimiu sua própria marca nele, ao torná-lo cômico e mais acessível.

Além do que ele conta em *O sonho e Dupla Acusação*, o único documento a referir-se ao autor é a Suda, que não nos dá um bom perfil de Luciano. Segundo esta enciclopédia

bizantina do século X, Luciano, após uma infrutífera carreira de orador, decide se tornar escritor e morreu devorado por cães. A mesma chama-o de blasfemo, maldito e ateu¹⁰:

“Luciano de Samósata, conhecido como blasfemo ou maldito, ou melhor, ateu, que em seus diálogos ridicularizava as coisas ditas sobre os deuses. Viveu no tempo do Imperador Trajano em diante. Na juventude foi advogado em Antioquia, na Síria. Como não foi bem sucedido, tornou-se escritor e escreveu coisas sem as saber. Foi morto por cães, por ter atacado raivosamente a verdade. Pois em *A vida de Peregrino* atacou o cristianismo, e blasfemou até o próprio Cristo, esse canalha. Eis o porquê de ter recebido tal punição por sua raiva, e na próxima vida herdará o fogo eterno com Satanás”.

Porém, além de proferir diversos impropérios contra o autor, a parcialidade da Suda pode ser questionada pela justiça poética presente na descrição da morte de Luciano. O verbete λύσσα (o verbo foi traduzido acima como 'atacar raivosamente) na terceira edição do dicionário grego-inglês Liddel-Scott é traduzido como raiva, e também raiva de cães. Logo, por ter agido como um cão raivoso contra a verdade, Luciano merecia morrer por cães.

b) Obras

Luciano foi um escritor bastante prolífico: cerca de 80 obras são atribuídas ao autor¹¹, e dentre elas os mais variados estilos: ekphrasis¹² (*O Salão*), diálogos (*Diálogo dos Deuses*, *Diálogo dos Mortos*), sátiras menipeias (*Ícaromenipo*, *Caronte*) e até obras defendendo a inovação de seu estilo literário, ao criar diálogos humorísticos (*Prometeu em palavras*, *Dupla acusação*).

Apesar de não possuir formação propriamente filosófica, os filósofos são tema recorrente nos textos do autor. Luciano tinha uma visão helenística da filosofia: mais do que uma teoria que explica o funcionamento do mundo, é um modo de vida, destinado a tornar mais virtuosa a pessoa que a pratica. Logo, aquele que pregar o desprezo pelas coisas materiais e, ao mesmo tempo, cobrar salário de seus discípulos, não será um filósofo de verdade, merecendo ter suas ações expostas e, por conseguinte, ridicularizadas.

¹⁰ <http://www.stoa.org/sol-entries/lambda/683> . O texto grego é de Ada Adler, *Suida Lexicon*, Editora Teubner, 1928-1938.

¹¹ Uma discussão sobre a veracidade da autoria das obras foge ao escopo do presente texto.

¹² Descrição visual detalhada de obras artísticas.

Podemos dividir as obras que incluem filósofos de Luciano de acordo com seu alvo: *Hermótimo* e *Os Ressuscitados* criticam os filósofos que não se enquadram em sua definição em geral; *O Banquete* e *Venda de Filósofos* atingem indivíduos de várias correntes filosóficas e, por fim, *Sobre a morte de Peregrino* e *Demônax* tratam, respectivamente, dos vícios de um pseudofilósofo e das virtudes do filósofo ideal, ambos personagens históricos. No entanto, todas parecem sugerir a mesma mensagem: o verdadeiro filósofo é aquele que age em consonância com sua doutrina, aplicando na vida real os dogmas de sua corrente filosófica. Na conclusão de seu livro sobre Luciano e o pensamento religioso da época, Caster afirma:

“A cultura para Luciano é o estado de harmonia e clareza perfeitas entre os pensamentos. Essa harmonia se reflete na honestidade e elegância das ações. Inversamente, tudo o que atrapalha o pensamento é revelado por atos ridículos ou ruins.”¹³

No diálogo *Os Ressuscitados ou O Pescador*, escrito em resposta aos que o haviam acusado de ofender a filosofia e filósofos ilustres no diálogo *Venda de Filosofias*, há um longo monólogo explicativo acerca das intenções do autor: não macular a imagem da filosofia ou dos filósofos antigos, mas sim criticar os que se diziam filósofos sem agir de acordo com o ensinamento de seus mestres, desejosos, ao contrário, apenas de obter dinheiro e reputação. No desfecho da obra, Luciano, pretendendo diferenciar os verdadeiros filósofos dos falsos, convoca todos os que se diziam filósofos para uma distribuição de presentes, evento a que comparece uma multidão de pessoas. Assim, ao anunciar que os filósofos de verdade seriam felizes para sempre e, os maus, destruídos, a Filosofia personificada afugenta grande parte da multidão. Para trazer os pseudofilósofos de volta e puni-los, Luciano pesca-os fazendo uso de ouro como isca.

c. Contexto Histórico

Luciano viveu em um período cultural da história antiga designado como Segunda Sofística, termo cunhado por Filóstrato em *Vidas dos Sofistas*, obra que refere, no entanto, somente três nomes contemporâneos, entre os quais não consta Luciano. Isso se dá porque o uso convencional da expressão 'Segunda Sofística' para designar o movimento que

¹³ *Lucien et la Pensée Religieuse de Son Temps*, p. 365.

ganhou impulso sob o Império Romano não parecer ser o intento de Filóstrato. Ele afirma em seu livro que a Segunda Sofística teve início com Ésquines no século IV a. c., e sua diferença em relação à retórica de Górgias e Protágoras decorreria do fato de ela evitar temas filosóficos abstratos, como coragem e justiça, para abordar tópicos históricos e análise de caráter. Eram, no entanto, semelhantes em seu poder de persuasão e por serem capazes de argumentar igualmente bem contra ou a favor de um assunto. Para Bowersock¹⁴, embora seja correta a distinção, Filóstrato não cita o nome de nenhum sofista situado entre IV a.c. e I d.c. . Escreve o autor inglês: “É só com Nicete de Esmirna e Iseu o assírio, no terceiro quarto do primeiro século, que a crônica de Filóstrato sobre a Segunda Sofística segue seu caminho”¹⁵. Bowersock acrescenta que o apelo a Ésquines e a inclusão de outros pensadores da Primeira Sofística foi, provavelmente, esforço deliberado para provar a continuação da cultura grega, mesmo sob dominação econômica e política romana.

Esse período foi caracterizado por um fenômeno literário e social de renovado interesse da cultura clássica¹⁶, cujo florescimento ocorreu nas colônias helenizadas de Roma por volta do século I d.c., estendendo-se até o século III d.c. . Maurice Sartre, em *Le Haut-Empire Romain – Les provinces de Méditerranée orientale d’Auguste aux Sévères*, não usa o termo ‘segunda sofística’ em seu livro, mas afirma¹⁷ que, desde o fim da Batalha do Ácio até o reinado de Sétimo Severo, as colônias romanas na Ásia experimentaram um período de paz durante o qual a dominação política e econômica de Roma teria coexistido com a dominação cultural grega. No século I, o imperador Vespasiano cria cargos para professores de retórica pagos pelo Estado e, no século II, Marco Aurélio, além de promover a carreira de filósofo em Atenas, escreve obras em grego ático, estimulando o movimento aticista¹⁸. No entanto, nem todos se dirigiam aos estudos helênicos com nobres intenções. O próprio imperador Marco Aurélio, adepto da doutrina estoica, acabou por atrair para sua escola pessoas mais interessadas em proteção e vantagens do que em conhecimento

¹⁴ *The Cambridge History of Classical Literature*- vol. 1 , parte IV.

¹⁵ P. 96.

¹⁶ O prefácio da edição da Biblioteca Universale Rizzoli chama o período de ‘renascimento grego’.

¹⁷ Cf. capítulo 1 – *L’organisation provinciale*. Pp-13-45

¹⁸ Uma das particularidades da Segunda Sofística foi a utilização do grego ático por alguns escritores, como Luciano de Samósata.

propriamente dito. Ele teria afirmado a Galeno que a maioria dos filósofos contemporâneos constituía-se de pessoas gananciosas, polêmicas, ambiciosas, invejosas e maliciosas¹⁹.

Capítulo 2 - A Teoria Clássica do Riso

O termo ‘teoria clássica do riso’ foi cunhado por Quentin Skinner em sua obra *Hobbes e a teoria clássica do riso*, para designar um conjunto de características comuns sobre o riso presentes nas obras de diversos estudiosos antigos, de Platão a Quintiliano. Apesar de algumas diferenças, a teoria clássica do riso, de acordo com Skinner, pondera que o riso só é possível em situações surpreendentes, onde haja contraste entre o que se espera e o que efetivamente acontece. Verona Alberti, no capítulo sobre o riso da Antiguidade em *O riso e o risível na história do pensamento*, menciona os mesmos autores, com algumas diferenças. No entanto, Skinner e Alberti parecem concordar quanto ao fato de haver várias similaridades entre os estudiosos antigos, principalmente no que concerne à causa do riso. A primeira explicação sobre a causa do riso na Antiguidade, segundo Skinner, é de autoria de Hipócrates. Já de acordo com Alberti, não pertence a Hipócrates o primeiro escrito sobre a causa do riso; a carta a Damageto teria sido escrita, na verdade, no século I d.c. De acordo com Pigeaud²⁰, o autor da "Carta de Hipócrates a Damageto" seria Pangetus, escritor do século I a.c. . A carta relata que, em Abdera, os habitantes começaram a se preocupar com Demócrito, que parecia estar acometido por alguma loucura, pois passava o dia rindo no cais. Chamaram então Hipócrates que, curioso, o interrogou para entender melhor a situação. O filósofo conta-lhe, então, que sempre fora mal-humorado, desejoso de estudar a melancolia. No entanto, ao passar os dias observando o movimento do porto, notara o ridículo das idas e vindas incessantes da existência humana. Tal observação o levou a rir, causando a melhora de seu estado de saúde. Hipócrates, questionado pelos habitantes de Abdera sobre o mal que acometia Demócrito, respondeu, por fim, que o filósofo não estava louco, mas que, ao contrário, revelava-se o homem mais sábio do mundo. Segue o resumo de acordo com Alberti²¹:

¹⁹ Galeno, *de Praecog.* 11.8 apud Lucian, *Culture and Society* p. 32.

²⁰ *La maladie de l'âme e L'homme de génie et la mélancolie* apud Alberti - *O riso e o risível na história do pensamento*.

²¹ Baseado em 3 fontes: versão integral da carta reproduzida no apêndice ao *Tratado do riso* de Jolbert(1579), resumo em *Anatomia da Melancolia*, de Burton e trechos citados por Pigeaud.

"Se os homens fizessem as coisas prudentemente, me poupariam o riso. Mas, ao contrário, eles, como se as coisas fossem firmes e estáveis nesse mundo, vangloriam-se loucamente, sem poder reter sua impetuosidade, por faltar-lhes a boa razão, o discernimento, o julgamento... se cada um pensasse fazer todas as coisas de acordo com seu poder, certamente se sustentaria em uma vida certa e tranquila, conhecer-se-ia a si mesmo, contentando-se com as riquezas da natureza; eis o que me dá matéria de riso²²".

Assim como para Hipócrates, para Platão a matéria do riso é a vanglória e o desconhecimento de si mesmo. No diálogo *Filebo*, que trata da identidade entre prazer e bem, Sócrates termina dividindo os prazeres entre verdadeiros, que são puros, próximos das características do bem - verdade, beleza e medida -, e falsos que, por sua vez, são sempre afecções mistas de prazer e dor. Os prazeres dividem-se em três dimensões: corporais, semicorporais e referentes à alma. O exemplo dado por Sócrates de prazer falso espiritual é o riso, onde há a alegria causada pelo riso (provavelmente referindo-se ao sorriso) e a ‘dor’ de inveja e malícia, razões pelas quais se ri de alguém. Em 48c, o filósofo diz que a natureza do ridículo é, essencialmente, o oposto da inscrição do Oráculo de Delfos, o ‘conhece-te a ti mesmo’ (γνωθι σεαυτον); ou seja, ri-se de quem acredita ser algo que não é, de quem possui um falso conhecimento de si mesmo. Sócrates ainda classifica o desconhecimento de si em três áreas: crer-se mais rico do que se é; crer-se maior e mais belo; crer-se melhor nas coisas do espírito e da virtude, principalmente em relação à sabedoria, enfatizando a importância da última. Dessa maneira, o ridículo em Platão não é somente o escarnecimento de alguém, mas de alguém que não vê seus defeitos e se crê melhor do que realmente é. Platão será o único dos antigos a criticar o objeto de riso e aquele que quem ri. Segundo Alberti, a opção platônica por inserir o riso em um diálogo sobre o prazer, colocando-o abaixo dos prazeres verdadeiros do belo e da virtude justificava-se pela posição filosófica do autor de condenação moral de toda arte poética, julgando a comédia como algo duplamente condenável por ser poesia e, portanto, afastada três graus da verdade, e por estimular um comportamento vicioso:

“Segundo Platão, a poesia ... está afastada três graus da verdade, porque imita o que já é uma fabricação particular do objeto real, ou seja, o que já é uma imagem das Ideias (...) O que importa ressaltar no momento é que, segundo Platão, a poesia, aí incluída a comédia, seria duplamente condenável. Não só por produzir obras sem valor do ponto de vista da verdade, como também por ter relação com o elemento inferior da alma humana, a parte

²² *O riso e o risível na história do pensamento*, p. 76.

irrazoável e distante da sabedoria. Isso porque a poesia, ao fazer prevalecer em nós a aparência, arruína o elemento da alma que julga com a razão.”²³

Já Aristóteles teria dedicado a segunda parte de sua *Poética* ao tratamento da comédia e de seus procedimentos: "Assim como o jogo e toda sorte de repouso e o riso contam entre as coisas agradáveis, as coisas risíveis são necessariamente agradáveis: homens, discursos, atos; as coisas risíveis foram definidas à parte em nossa Arte Poética²⁴". No início da obra, Aristóteles classifica as artes miméticas²⁵ de acordo com os meios e modos de representação e os objetos representados por elas. A comédia seria a arte de representar por meio da linguagem numa ação dramática personagens inferiores às pessoas como elas efetivamente seriam. Para o filósofo, o riso seria sobretudo manifestação de escárnio. Observa o autor em seguida: "de fato, o risível é parte do vergonhoso", ou seja, ri-se daquilo que é infame ou abjeto, do que se despreza no ser humano. Aristóteles detalha um pouco mais sua definição do ridículo em 1449a30, ao afirmar a comédia como imitação do inferior, não do totalmente perverso. O ridículo seria, então, algum erro ou vergonha indolor, sem caráter destrutivo. Como exemplo, menciona a máscara usada no teatro pelos comediantes, representada por um rosto feio e retorcido, mas não a ponto de parecer sentir dores e provocar a simpatia dos espectadores.

Numa tentativa de resumo, poderíamos dizer que, para pseudo Hipócrates, o que causa o riso é a falta de discernimento da humanidade que, crendo-se detentora da verdade, vangloria-se loucamente. Se conhecessem a si mesmos, contentariam-se com menos. Platão não estaria muito afastado dessa visão, embora percorra um caminho diferente: primeiro afirma que o riso é um prazer espiritual falso, pois apesar de nos alegrar, revela a malícia de quem ri; em seguida, descreve o objeto do riso como alguém que desconhece a si mesmo, principalmente em relação à sabedoria. Para Aristóteles, que na *Poética* estuda o riso na comédia, a discrepância entre o normal e o inferior é o que nos faz rir. No entanto, há limites: o objeto não pode despertar a compaixão por seus defeitos. Assim como na filosofia, o riso também foi discutido por estudiosos da retórica antiga. Diferentemente

²³ *O riso e o risível na história do pensamento* p. 44.

²⁴ Aristóteles, *Retórica I*, 11 1371b-1372a.

²⁵ Tragédia, epopéia, comédia, ditirambo, flauta e cítara.

daquela, onde essa manifestação teria propósito moral²⁶ ou estético²⁷, a retórica antiga estudou o riso como ferramenta para seus três modos de discurso: jurídico (defesa ou acusação em julgamentos), deliberativo (relativo à elaboração de leis) e epidítico (discursos de louvor e vituperação).

De acordo com Alberti²⁸, há algumas passagens da *Retórica* em que Aristóteles adiciona mais características ao riso e o risível. Em *Retórica* II, 3, 1380b, o autor caracteriza o riso e o risível como circunstâncias propícias à calma e à amizade. O riso com finalidade retórica é citado em *Retórica* III, 14, 1415a : o riso desvia a atenção de quem ouve, e na *Retórica* III, 18, 1419b, Aristóteles cita Górgias, que afirma ser preciso destruir o sério do adversário pelo riso e o riso pelo sério. Para encerrar²⁹, a autora menciona *Retórica* III, 1, 1412a, onde Aristóteles lista, entre os recursos cômicos, a troca de letras em uma palavra ou a troca de palavras em um verso, onde os dois sentidos devem estar evidentes. Embora o estagirita não esteja falando de pessoas, pode-se aproximar esse recurso da noção platônica do risível referente àquele que não se conhece e se pretende mais do que é, pois a troca de letras ou palavras só é cômica quando o leitor é surpreendido com um efeito diferente do esperado, conquanto saiba que a verdadeira forma da palavra não é aquela com a qual ela está se apresentando. Para Skinner, a única passagem em que Aristóteles trata do riso é na *Retórica* livro II capítulo 12, em que descreve os diversos tipos de júri em função dos quais o orador deve adaptar seu discurso.

É somente com Cícero que surge a primeira tentativa de esquematizar questões referentes ao riso e ao risível. Afirma o autor latino que nunca ninguém discorreu corretamente sobre o assunto; sua abordagem, entretanto, retoma Aristóteles. No livro II de *Orador*, ele descreve como o orador deve excitar as almas num julgamento com o recurso do riso. Para tanto, aponta a necessidade de analisar as cinco questões que se apresentam quando estudamos o tema, a saber, qual é a natureza do riso; o que o produz; se convém ao orador provocá-lo, e, em caso afirmativo, até que ponto deve fazê-lo; por último, quais são os gêneros do ridículo. Acerca do que produz o riso, Cícero segue a *Poética* de Aristóteles,

²⁶ Como Platão, cuja ênfase no escárnio aos que pretendem ter um conhecimento faz parte de seu ataque aos sofistas.

²⁷ Como Aristóteles na *Poética*, onde desejava estudar os procedimentos das artes miméticas.

²⁸ *O riso e o risível na história do pensamento* p. 53.

²⁹ Idem, p. 54.

ao notar em 236 que "a condição e o domínio do ridículo são sempre alguma feiura moral (*turpitudine*) ou deformidade física (*deformitate*)". O modo mais poderoso, se não o único, de provocar o riso é notar e mostrar belamente uma dessas torpezas. Além disso, afirma que o desengano é a maior causa do riso: quando esperamos ouvir uma coisa e encontramos outra, nossa decepção nos faz rir. Ainda ecoando Aristóteles, Cícero afirma, em resposta à quinta questão, o erro de se rir de uma extrema perversidade ou miséria, pois os criminosos devem ser punidos com armas piores que o riso e os desgraçados só devem ser insultados se forem muito arrogantes. Em relação à conveniência da incitação do riso pelo orador, Cícero atesta sua importância, pois o riso provoca a benevolência do público a quem o causou e enfraquece o adversário.

Quintiliano, no livro VI, capítulo 3 de *Instituição Oratória*, confirma a proximidade entre riso e escárnio, e, seguindo Aristóteles e Cícero, afirma a incorreção de escarnecer quem passa por alguma dificuldade extrema. Esse livro trata da última parte do discurso, a peroração, e a inclusão do riso no terceiro capítulo é compreensível, pois o riso é visto como última arma para comover o ouvinte. Para Quintiliano, o riso muitas vezes distrai os jurados, e renova os ânimos quando eles estão cansados ou entediados. O teórico não acredita que possamos encontrar uma única causa de riso, pois tanto as palavras quanto os atos e até mesmo o toque podem motivá-lo. No entanto, ele afirma que o rir nunca está muito longe da derrisão e concorda com Cícero quando este pondera que o riso tem sua base em algum tipo de deformidade ou feiúra. A inovação aqui está na sistematização dos tipos de riso e na decepção da expectativa como causa do riso. Escreve Quintiliano em 6, II, 89: "Na verdade, todo o sal de uma palavra está na apresentação das coisas de uma maneira contrária à lógica e à verdade: conseguimos isso unicamente seja fingindo sobre nossas próprias opiniões ou as dos outros, seja enunciando uma impossibilidade". O que em Platão é causa de riso, mas também de repreensão, é enunciado aqui mecanicamente como método infalível de humor.

Capítulo 3 – Os Banquetes

No diálogo *O Banquete ou os Lápitás*, modelado de acordo com os textos clássicos da tradição convival³⁰, Luciano, através de seu alter ego Licino, conta os acontecimentos do banquete do dia anterior a seu amigo (chamado simplesmente de ΦΙΛΩΝ em grego), parodiando o relato indireto do início do *Banquete* platônico, em que o filósofo oferece um exemplo do que era a tradição oral grega na época. O evento é narrado com diversos detalhes por Apolodoro, embora ele não tenha participado, apenas ouvido de Aristodemo muitos anos atrás. Aristodemo, que estava presente no banquete, conta o ocorrido a Apolodoro e a Fênix. Este conta a alguém, que, por sua vez, conta a outra pessoa, que conta para Glauco, que vai confrontar Apolodoro sobre o que aconteceu realmente, uma vez que Fênix aparentemente não se lembrava tão bem dos detalhes. O que virá a seguir, na verdade, é o relato de Aristodemo por Apolodoro a um interlocutor não nomeado.

Muitas outras semelhanças podem ser indicadas entre o texto de Luciano e o de seus predecessores. Licino diz a Filo que ‘odeia ébrios memoriosos’, para logo em seguida se contradizer e contar com detalhes os acontecimentos do banquete. Essa citação está presente também em Plutarco. Porém, para o autor de *Banquete dos Sete Sábios*, se filósofos como Platão, Xenofonte e Epicuro consideraram adequado memorizar o que era dito enquanto bebiam, ele fará o mesmo.

Enquanto no *Banquete* platônico Agatão se inquieta para que Sócrates venha logo se sentar ao seu lado, em Luciano o estoico Zenão causa mal estar ao ameaçar ir embora caso não tenha um assento em um lugar mais privilegiado que o seu rival, Hermon, o epicurista. Além disso, assim como logo no começo do texto do filósofo a disputa erótica é proposta por Eríximaco e todos discursam sobre o amor, em Luciano a disputa é erística, e já no primeiro parágrafo Filo afirma ter ouvido falar que o encontro terminou em sangue. As conversas filosóficas, que segundo Filo motivaram a tal disputa erística e que em Platão são peça central do diálogo simplesmente não acontecem, sendo substituídas por discussões pessoais.

A carta de Hetémocles a Aristeneto, em que o estoico critica o anfitrião por não tê-lo convidado e ainda insulta boa parte dos presentes, é comparada por Licino ao pomo dourado que a deusa da discórdia lançou em meio ao casamento de Peleu e Tétis, pois uma

³⁰ Platão, Plutarco e Xenofontes escreveram obras chamadas *Banquete*, em que sábios discutem questões filosóficas em um ambiente casual. O *Banquete dos Sofistas* de Ateneu é uma obra posterior ao *Banquete* de Luciano.

deu origem à *Iliada* e outra à briga que fez o banquete terminar em sangue. Jacques Bompaire, em *Lucien Écrivain*³¹, afirma que no texto *Banquete dos Sete Sábios* de Plutarco há uma carta lida no meio do evento, porém perguntando a solução de um enigma proposto pelo rei da Etiópia.

Por seu caráter marcante no desenrolar dos acontecimentos, a carta também pode ser comparada à chegada de Alcebiades no *Banquete* platônico: após seu discurso apaixonado, não são feitos mais discursos filosóficos e a confusão toma conta do banquete. Contudo, diferentemente da exaltação a Sócrates presente no texto de Platão³² em Luciano o resultado da carta é negativo para os convivas.

Capítulo 4 – Análise do texto

Para analisar no texto em quais parágrafos podemos notar o humor de acordo com a teoria clássica do riso vamos seguir a divisão episódica proposta por Branham na nota 50 do capítulo 2³³ de seu livro *Unruly Eloquence*.

Prólogo – §1 a §5: introdução, conversa entre Licino e Filo

Antes do prólogo, já no título da obra nota-se o uso do contraste como forma de riso por Luciano, ao reunir *O Banquete*, que lembra as conversas filosóficas civilizadas de Sócrates e seus amigos, com *os Lápitas*, que relembra o mito do casamento de Píroto em que lápitas e centauros travaram uma sangrenta batalha.

O texto começa parodiando o início também indireto do *Banquete* de Platão citado acima: Filo diz ter ouvido falar do banquete através de Carino, que por sua vez ouviu de

³¹ P.318.

³² De acordo com Branham: “O que é planejado por Agatão como celebração de sua proeza verbal(...) se torna com o discurso de Alcebiades uma homenagem a Sócrates como mestre do Eros, o filósofo, e no próprio discurso de Sócrates, uma demonstração da superioridade socrática em relação a qualquer outra forma de discurso representada no banquete. A vitória de Sócrates sobre seus rivais literários é representada dramaticamente pelo fato de que ele sozinho emerge consciente da festa, deixando suas companhias vencidas jogadas em volta da mesa.” P. 111. *Unruly Eloquence*.

³³ P. 246.

Diônico, esse sim um participante do evento. Assim como Fênix, Diônico direciona seu interlocutor a outra pessoa, no caso, Licino. Ele primeiramente afirma ser errado espalhar boatos sobre os filósofos, porém quando Filo ameaça procurar outra pessoa para contar a história, ele decide de imediato relatar-lhe. No entanto, estabelece a condição de que não conte para ninguém.

Filo, conhecendo-o bem, comenta que seu amigo fará isso antes dele, e, antes que seu amigo retruque, pergunta-lhe qual o motivo da comemoração. Licino esclarece que Aristeneto ofereceu o banquete para celebrar o casamento da filha com um rapaz interessado em filosofia e filho de um usurário. Filo comenta: “Não é desprezível a razão que mencionas, o fato de Êucrito ser rico (5)”. cremos que não é desprezível, de fato, que Filo mencione a riqueza do pai do rapaz como motivo principal do casamento, quando, mais adiante, Licino afirma sobre Aristeneto que “ele não é um desses novos ricos, mas se preocupa com a educação e convive com os sábios a maior parte de sua vida (10)”. Aqui, longe de ser uma contradição textual, é apresentada a tese principal de Luciano: o embate entre o discurso e os atos de cada um. Aparentemente, Aristeneto é um homem respeitável e interessado em filosofia, quando, na verdade, seu interesse está na riqueza do genro. As duas frases citadas despertam-nos o riso, a primeira por esperarmos que a razão mais importante seja o interesse por filosofia, e não o dinheiro, e a segunda por sabermos que Aristeneto não se preocupa particularmente com a educação.

§6-§8 Introdução das *dramatis personae*

Na apresentação dos convidados há um filósofo de cada escola principal, com exceção da estoica, que possui dois representantes, Zenôtemis e Difilo. Temos Hermon, o epicurista; Cleodemo, o peripatético; Íon, o platônico; o gramático Histieu e o orador Dionisodoro.

§9-§10 – Primeiro Episódio, ordem dos assentos dos convidados, Zenôtemis o estoico insiste em um lugar de honra acima do epicurista Hermon:

Luciano faz os estoicos virarem de costas quando o epicurista entra e, em seguida Zenôtemis e Hermon disputam para ver quem senta ao lado do anfitrião: o estoico ameaça abandonar o banquete caso não consiga um lugar melhor que seu rival. Segundo Caster

em *Lucien et la Pensée Religieuse de Son Temps*³⁴, a querela estoicos contra epicuristas era um lugar comum na literatura da época e não indica uma preferência maior por uma ou rejeição maior por outra. No entanto, deve-se ter em mente que o estoicismo era a escola mais popular da época, sendo representada no texto por três personagens.

§11 – Segundo episódio: Zenôtemis é visto roubando comida:

Assim que começa o serviço prévio ao jantar, Cleodemo comenta com Íon sobre o quanto o Zenôtemis está sendo glutão, dando comida até para o escravo guardar. Mais uma vez o estoico comporta-se mal, fugindo ao que prega sua doutrina.

§12-§14 Terceiro episódio: Alcidamas, o cínico, invade a festa.

No entanto, o comentário é eclipsado pela chegada inesperada de Alcidamas, o cínico, que compara-se a Menelau na *Iliada*³⁵. Vê-se aqui outro trecho paródico do *Banquete* platônico, no qual Sócrates chama Aristodemo ao banquete de Agatão, mudando o ditado de ‘os homens bons vão sem ser convidados para os banquetes dos homens inferiores’ para ‘os homens bons vão sem ser convidados para os banquetes dos homens bons’, pois até Homero inverteu o ditado, ao fazer Menelau, segundo Luciano um guerreiro covarde, aparecer sem ser convidado em um evento de Agamêmnon. Ao comparar-se com Menelau, o autor chama Alcidamas, aquele de quem todos os outros convidados tem medo por ser o mais forte e mais escandaloso.

Como um típico representante de filosofia cínica, Alcidamas critica o excesso de conforto em que se encontram os convivas, afirmando que poderia comer andando, ou até mesmo no chão; e ele também discorre sobre a virtude e os vícios. Porém, como a intenção de Luciano é desmascarar os pseudofilósofos, Alcidamas, enquanto critica o uso do ouro e da prata ao invés da cerâmica, corre atrás dos empregados que serviam os pratos mais caros e basta uma taça de vinho para que seu discurso seja encerrado.

§15- Quarto episódio: Cleodemo é pego seduzindo um servo.

³⁴ Página 107.

³⁵ No segundo livro da *Iliada* Menelau, preocupado com seu irmão, comparece ao sacrifício que este faz aos deuses.

Cleodemo, o peripatético, além de fofoqueiro, é mostrado no texto como pederasta. Ele é servido por um ‘gracioso rapaz’, que retribui os sorrisos do filósofo. Este aproveita quando lhe é entregue a jarra de vinho para tentar pagar por outros serviços. No entanto, o rapaz parece não perceber e as moedas caem no chão, chamando a atenção dos comensais. Aristeneto resolve a situação trocando o atendente por outro, dessa vez um homem forte e mais velho.

§16 – Quinto Episódio: Alcidamas faz um brinde à noiva.

Alcidamas, já bêbado, propõe-se a fazer um brinde à noiva, em nome de seu suposto ancestral Hércules. Como todos riem de seu sério intento, o cínico decide despir-se indecentemente para mostrar o seu vigor e é acalmado por um bolo antes que agredisse a todos por terem rido novamente.

§17 – Sexto Episódio: performances privadas.

Pouco antes de Aristeneto interromper o serviço de copa para chamar um bufão, Luciano aproveita para satirizar o orador, cujos discursos contra e a favor de um mesmo tema parecem agradar apenas os empregados domésticos, e o gramático, que, tentando impressionar com seu conhecimento de diversos poetas, acaba formando um poema sem sentido.

§18-§19 – Sétimo episódio: disputa de Alcidamas com o palhaço.

Alcidamas novamente rouba a cena nesse ponto. Invejoso da atenção que o bufão está recebendo e furioso por ser o alvo das piadas, decide desafiá-lo para uma luta, e além do ridículo de agredir um bufão, ainda passa pela humilhação de ser derrotado, apesar de vangloriar-se de sua força. Essa cena é, basicamente, a releitura oposta da participação do bufão no *Banquete* de Xenofonte. No parágrafo 11, Filipo, o comediante, chega sem ser convidado e tenta, sem sucesso, fazer os convivas rirem de suas piadas. Ele chega a protagonizar uma cena de choro patética, lamentando-se por ter perdido sua habilidade

cômica. Já Sócrates, o filósofo, consegue fazer seus colegas rirem com seus comentários divertidos e irônicos.

§20-§21 – Oitavo episódio: a história de Diônico.

De acordo com Branham, os episódios do palhaço e do médico não são aleatórios: o palhaço deveria acalmar os ânimos como o do Xenofonte, mas acaba lutando com Alcidas, por não aceitar uma piada e ter inveja da atenção dada a ele. Já o médico conta de sua aventura com o insano Poliprepo e a disputa musical proposta pelo doente. Para o autor, não é por acidente que os dois episódios contem imitações toscas de concursos tradicionais gregos, esportes e música: ambos são metáfora para o contexto em que estão inseridos, que é uma imitação tosca de um banquete realmente filosófico.

§22-§29 – Nono Episódio: a carta do vizinho e seus efeitos; a desgraça de Zenão; o filho do anfitrião.

O clímax do banquete ocorre quando chega uma carta do estoico Hetémocles para Aristeneto. Inversamente aos textos de Platão e de Xenofonte, que enaltecem a figura de Sócrates, desejando mostrar que ele foi acusado injustamente pela cidade, o *Banquete* de Luciano avilta a imagem dos filósofos de sua época, desejando mostrar o quão ridículos são aqueles que aparentam ser sábios e decentes mas agem em desacordo com o que pregam. Aqui, o estoico, seguindo pouco sua doutrina e ofendidíssimo por não ter sido convidado, ainda que não comparecesse quando o era, insulta Aristeneto e alguns convidados, dando início à confusão que acabará em sangue.

Hetémocles, como um típico pseudofilósofo, diz uma coisa na carta e afirma outra contrária logo em seguida. Primeiramente, diz que não costuma aceitar convites para banquetes, por se incomodar com seu ambiente tumultuoso típico; no entanto, afirma que come em abundância na casa de outros. Em seguida, acrescenta facilmente suportar a humilhação de não ser convidado apesar de se comparar à deusa Ártemis no mito de Meleagro, e que, por consideração à filosofia, não falará mal dos outros, mas logo afirma ser superior a Zenôtemis e a Difilo, que roubou seus discípulos. Licino, após a leitura da carta, pergunta a si mesmo como Hetémocles enganara as pessoas, por ser um homem

grisalho, com barba e sisudo, ou seja, de aparência respeitável, ao contrário de seu comportamento. Mais contrastes cômicos em seguida, quando Hetémocles insinua pederastia por parte de Difilo: ele e Zenão ficam visivelmente constrangidos, confirmando as suspeitas e o filho de Aristeneto chega a se ausentar.

§30-§33 – Décimo Episódio: A discussão dos filósofos por causa da carta; Aristeneto acalma a primeira briga.

Cleodemo, que, segundo Licino, buscava desculpas para falar mal dos estoicos, exclama que eles só servem para fazer silogismos e que, de resto, são como Hetémocles. Hermon, o epicurista, aproveita a oportunidade e comenta que morrer de fome não seria de todo ruim para o autor da carta, visto que Crisipo, um dos fundadores do estoicismo, considerava a fome como algo indiferente para o homem, sem vantagens ou desvantagens. Zenôtemis explode e, para defender sua escola filosófica, ataca a vida pessoal de seus interlocutores, iniciando uma discussão reveladora, através da qual ficamos sabendo que Hermon foi julgado por ter cortado os cabelos de ouro da estátua dos Dióscuros, de quem é sacerdote, e cometeu adultério com a esposa de um discípulo; que Cleodemo vendeu veneno a alguém para que matasse o pai; e que Zenôtemis cafetina a mulher e é agiota de seus discípulos.

A discussão transforma-se em agressão quando Zenôtemis joga seu vinho em Hermon e Cleodemo, recebendo em troca uma cusparada. O excesso de gula de Zenôtemis citado no início do texto é revelado a todos aqui, quando o lenço de seu escravo é puxado por Cleodemo, deixando à mostra grande quantidade de carnes. É preciso que Aristeneto intervenha para que eles não iniciem um confronto físico.

§34-§35 - Reflexões do narrador:

É nessa hora que Luciano conta a ‘moral da história’:

“...de nada é útil aprender as ciências e as artes se isso não aprimora sua vida: ao menos aqueles eu vi serem excepcionais em seus discursos e se exporem ao ridículo em seus atos... De qualquer modo, de tantos filósofos presentes, nenhum deles por acaso era percebido sem falhas. Pelo contrário, uns faziam coisas vergonhosas, outros as diziam: nem posso acusar o vinho como responsável pelos acontecimentos, visto que Hetémocles escreveu sedento e faminto”(34).

Para Luciano, o problema não é a filosofia ou erudição em si, e sim, o sentimento de superioridade trazido por elas, quando, na verdade, seu caráter não foi melhorado em nada. Seguir um preceito e não cumpri-lo é muito pior do que não ter estudado, já que os escravos domésticos parecem se comportar muito melhor do que os filósofos, sem bebedeiras ou brigas.

“E então a situação se invertia: as pessoas sem educação comiam com classe e não pareciam estar bêbadas ou agindo indecorosamente, somente riam e julgavam aqueles a quem admiravam, por pensarem que eram alguém por causa de sua aparência; os sábios, por outro lado, agiam licenciosamente, insultavam-se, fartavam-se, berravam e agrediam-se.”

Para Romano, o riso provocado pelos atos dos filósofos é necessário para que Luciano possa introduzir seu ponto de vista:

“Porque a comédia provoca um prazer misturado com a dor, Platão a condena como indesejável. Luciano, em plano oposto, une o riso e a seriedade para atingir dois alvos: desmascarar o dogmatismo tolo dos filósofos e ensinar um comportamento moderado, em todos os sentidos.³⁶”

§36-§38 A briga recomeça até a comida chegar e Íon intervir/ §39-§40 – Décimo Primeiro Episódio: Íon falha em iniciar uma discussão platônica;

Mesmo após a intervenção de Aristeneto, Cleodemo e Zenôtemis continuam discutindo, um acusando o outro de não seguir os preceitos de suas escolas filosóficas, quando o platônico Íon, que até aquele momento parecia ser a exceção no grupo, interrompe a briga para discursar sobre o casamento, tema propício à reunião. No entanto, ele causa um certo constrangimento, ao afirmar que o correto seria ser pederasta, e, em sua impossibilidade, que as mulheres fossem propriedade comum³⁷. Dionisodoro protesta pelo uso do termo ‘emulação’, e Luciano sugere uma repetição da cena anterior, em que uma discussão inicialmente filosófica termina com argumentos *ad homine* e é interrompida por um terceiro que, pretendendo exhibir seu talento, acaba por se tornar alvo de risadas.

³⁶ Voltaire e a Sátira in *Trans/Form/Ação*, v.20,p.30, 1997

³⁷ Cf Pausânias em *Banquete* 180-185 e proposta para abolir casamento na *República* V -457b-466d.

§41 – Décimo Segundo Episódio: o epitalâmio de Histieu.

Assim como Íon, Histieu deseja falar sobre o casamento, e, para tanto, declama um epitalâmio de composição própria, cujo grego precário demonstra o quão excelso como gramático ele é de verdade.

§42- §47 – Décimo Terceiro episódio: o banquete se transforma em uma batalha por comida protagonizada por Zenôtemis e Hermon e o noivo é ferido; a festa se dissolve.

O ápice do desmascaramento dos admiráveis filósofos começa a seguir, quando o prato principal é servido. Primeiramente, Difilo disputa com o servo a ave que seria destinada a Zenão ‘como se fosse o cadáver de Pátroclo’, agindo como se tivesse sido injustiçado ao perder a briga. Henry Hime afirma em *Lucian, the Syrian Satyrist* que Luciano se apropria indevidamente de Homero em diversas passagens de suas obras, sem levar em conta a intertextualidade presente na época de Luciano. No entanto, cremos que ao comparar a ave assada com o cadáver de Pátroclo, o autor provoca o riso por destacar ainda mais o ridículo de se brigar por comida, o que em nada se assemelha ao direito de poder fazer a cerimônia fúnebre para um guerreiro e amigo. Ao utilizar citações diretas e indiretas de Homero, Luciano compara a situação à guerra de Troia, gerando um contraste entre as razões nobres épicas e a tolice dos filósofos helênicos. A batalha verdadeira começa, porém, quando Zenôtemis larga sua porção para pegar a de Hermon, que parece ser maior. A situação é bastante ridícula: os filósofos se batem com as aves e se puxam pelas barbas, e, os demais, ao invés de tentar conciliar, tomam partido na disputa, e nem o noivo é poupado, tendo sido acertado na cabeça sem querer, transformando a celebração de seu casamento quase em seu funeral.

Licino afirma apenas ter assistido a cena, que lhe lembrou o episódio mítico da centauromaquia, em que, convidados para um casamento, os centauros bebem demais, tentam raptar a noiva e precisam ser expulsos à força pelos lápitas, revelando a causa principal de Luciano ter escolhido os Lápitas como título alternativo. Alcidas acerta um lampião com seu cajado, e quando trazem outra fonte de luz, ele, Dionisodoro e Íon são

ridicularizados: Dionisodoro e Íon por terem tentado roubar uma taça, e ele por ter sido flagrado desnudando a flautista³⁸.

Por fim, todos riem do trio, indo ‘das lágrimas ao riso’. Há ainda duas cenas cômicas ao final do texto: o noivo sendo carregado na carruagem que deveria levar sua noiva, e Zenôtemis reclamando de dor, e sendo lembrado por Hermon que não está tratando a dor como algo indiferente.

§48 – Epílogo Euripideano

Licino encerra a descrição do banquete citando os versos finais das tragédias de Eurípides, concluindo que não é seguro para uma pessoa comum jantar com homens tão sábios, ironizando a falta de decoro apresentada pelos estudiosos presentes. Esses versos não são citados à toa: ao comparar o encerramento do banquete com o das tragédias, Luciano contrasta uma situação verdadeiramente lamentável, como a mãe que assassina os filhos para se vingar do marido, com os motivos tolos pelos quais os convivas começaram a brigar, enfatizando a estupidez das pessoas tão sábias, como ironiza o autor no final do texto. Além disso, Branham afirma³⁹ que a mudança abrupta de tom (da batalha sangrenta e lágrimas das mulheres ao riso final) é característica de um escrito sériocômico, e necessária para que o texto tenha equilíbrio entre o trágico e a farsa.

³⁸ A tentativa de estupro é tratada com risos, o que pode causar espanto à nossa sociedade contemporânea politicamente correta. Frazel, no artigo [Priapus' two rapes in Ovid's Fast](#), tenta justificar afirmando que tentativa de estupro não parecia ser considerado um crime na Roma Antiga: vide *Os Fastos*, de Ovídio, em que duas cenas de tentativa de estupro por Priapo são contadas como se fossem situações dignas de riso. No livro I, vv 393-440, durante um bacanal, o deus da fertilidade tenta atacar Lotis enquanto ela dorme, mas tem seus planos frustrados por um zurro que acorda a ninfa. A reação dos presentes é somente de riso (*omnibus ad lunae lumina risus erat*). A história do livro VI vv319-348 é praticamente a mesma, só que dessa vez Priapo tenta violentar Vesta. O deus também não consegue concretizar seu intento, no entanto aqui os risos devem-se aqui à fuga de Priapo ao ver os guardas. No entanto, é mais plausível que por ser uma flautista e não uma cidadã o caso tenha sido ignorado.

³⁹ P.119.

Capítulo 5 - Tradução de *O Banquete ou os Lápitás*

Nota à tradução: Foi utilizado na presente tradução o texto grego estabelecido por Harmon no volume I das obras de Luciano pertencente à coleção Loeb Classical Library, edição de 2006. Todas as citações foram traduzidas por nós, exceto as da *Iliada* (retiradas da tradução de Haroldo de Campos(Arx, 2003) e onde indicado contrariamente.

ΣΥΜΠΟΣΙΟΝ Ἡ ΛΑΠΙΘΑΙ

ΦΙΛΩΝ

[1] Ποικίλην, ὦ Λυκίνε, διατριβὴν φασὶ γεγενῆσθαι ὑμῖν χθὲς ἐν Ἀρισταινέτου παρὰ τὸ δεῖπνον καὶ τινὰς λόγους φιλοσόφους εἰρησθαι καὶ ἔριν οὐ μικρὰν συστήναι ἐπ' αὐτοῖς, εἰ δὲ μὴ ἐψεύδετο Χαρίνος, καὶ ἄχρη τραυμάτων προχωρῆσαι τὸ πρᾶγμα καὶ τέλος αἵματι διαλυθῆναι τὴν συνουσίαν.

ΛΥΚΙΝΟΣ

Καὶ πόθεν, ὦ Φίλων, ἠπίστατο Χαρίνος ταῦτα; οὐ γὰρ συνεδείπνει μεθ' ἡμῶν.

ΦΙΛΩΝ

Διονίκου ἔφη τοῦ ἱατροῦ ἀκοῦσαι. Διόνικος δὲ καὶ αὐτός, οἶμαι, τῶν συνεδείπνων ἦν.

ΛΥΚΙΝΟΣ

Καὶ μάλα· οὐ μὴν ἐξ ἀρχῆς γε οὐδ' αὐτὸς ἅπασι παρεγένετο, ἀλλὰ ὀψὲ μεσούσης σχεδὸν ἤδη τῆς μάχης ἐπέστη ὀλίγον πρὸ τῶν τραυμάτων. ὥστε θαυμάζω εἴ τι σαφὲς εἰπεῖν ἐδύνατο μὴ παρακολουθήσας ἐκείνοις, ἀφ' ὧν ἀρξαμένη ἐς τὸ αἶμα ἐτελεύτησεν αὐτοῖς ἡ φιλονικία.

O Banquete ou os Lápitas

[1] Filo: Licino, ouvi dizer que vós vos entretínheis bastante ontem durante o jantar na casa de Aristeneto e também que foram proferidos alguns discursos filosóficos, por causa dos quais se iniciou uma grande discórdia. E, se não mentia Carino, a situação avançou até às vias de fato e o encontro culminou em sangue.

Licino: E como Carino ficou sabendo disso, se não jantava conosco?

Filo: Ele disse ter ouvido de Diônico, o médico; creio que ele sim era um dos convivas.

Licino: De fato; mas ele não estava lá desde o começo, pois se atrasou e chegou já no meio da briga, tomando o seu lugar um pouco antes das agressões. De modo que me admiro se ele foi capaz de dizer algo correto, sem ter acompanhado como se desencadeou a beligerância terminada em sangue.

ΦΙΛΩΝ

[2] Τοιγαροῦν, ὦ Λυκῖνε, καὶ ὁ Χαρίνος αὐτός, εἰ βουλοίμεθα τάληθῆ ἀκοῦσαι καὶ ὅπως ἐπράχθη ἕκαστα, παρὰ σὲ ἡμᾶς ἤκειν ἐκέλευε. καὶ τὸν Διονίκον γὰρ αὐτὸν εἰπεῖν ὡς αὐτὸς μὲν οὐ παραγένοντο ἅπασι, σὲ δὲ ἀκριβῶς εἰδέναι τὰ γεγενημένα καὶ τοὺς λόγους αὐτοῦς <ἂν> ἀπομνημονεῦσαι ἅτε μὴ παρέργως τῶν τοιούτων ἀλλ' ἐν σπουδῇ ἀκροώμενον. ὥστε οὐκ ἂν φθάνοις ἐστιῶν ἡμᾶς ἠδίστην ταύτην ἐστίασιν, ἧς οὐκ οἶδ' εἴ τις ἠδίων ἔμοιγε, καὶ μάλιστα ὅσῳ νήφοντες ἐν εἰρήνῃ καὶ ἀναιμωτὶ ἔξω βέλους ἐστιασόμεθα, εἴτε γέροντες ἐπαρώνησάν τι παρὰ τὸ δεῖπνον εἴτε νέοι, εἰπεῖν τε ὅσα ἤκιστα ἐχρῆν ὑπὸ τοῦ ἀκράτου προαχθέντες καὶ πρᾶξαι.

ΛΥΚΙΝΟΣ

[3] Νεανικώτερα ἡμᾶς, ὦ Φίλων, ἀξιοῖς ἐκφέρειν ταῦτα πρὸς τοὺς πολλοὺς καὶ ἐπεξιέναι διηγουμένους πράγματα ἐν οἴνῳ καὶ μέθῃ γενόμενα, δέον λήθην ποιήσασθαι αὐτῶν καὶ νομίζειν ἐκεῖνα πάντα θεοῦ ἔργα τοῦ Διονύσου εἶναι, ὃς οὐκ οἶδα εἴ τινα τῶν αὐτοῦ ὀργίων ἀτέλεστον καὶ ἀβάκχευτον περιείδεν. ὄρα οὖν μὴ κακοήθων τινῶν ἀνθρώπων ἢ τὸ ἀκριβῶς τὰ τοιαῦτα ἐξετάζειν, ἃ καλῶς ἔχει ἐν τῷ συμποσίῳ καταλιπόντας ἀπαλλάττεσθαι. Μισῶ γάρ, φησὶ καὶ ὁ ποιητικὸς λόγος, μνάμονα συμπόταν. καὶ οὐδὲ ὁ Διονίκος ὀρθῶς ἐποίησε πρὸς τὸν Χαρίνον ταῦτα ἐξαγορεύσας καὶ πολλὴν τὴν ἐωλοκρασίαν κατασκεδάσας ἀνδρῶν φιλοσόφων. ἐγὼ δέ, ἅπαγε, οὐκ ἂν τι τοιοῦτον εἴποιμι.

[2] Filo: É por isso que o próprio Carino nos incitou a vir até tua casa, Licino, caso desejassemos ouvir a verdade e como tudo aconteceu. Também disse que o Diônico mesmo afirmou não ter presenciado desde o início, e que tu, no entanto, conhecias o ocorrido detalhadamente e que lembravas dos discursos, pois ouviste atentamente. De modo que não comerias sozinho essa dulcíssima refeição – acima de qualquer comparação –, principalmente porque comeremos sóbrios, em paz e incólumes, longe do fogo cruzado de velhos e jovens que são levados a fazer e a falar as coisas mais impróprias sob o efeito do álcool.

[3] Licino: Filo, consideras adequado revelar esses acontecimentos recentes ao público, relatando minuciosamente os fatos ocorridos sob o efeito do vinho e da bebedeira, quando o conveniente seria esquecer disso e considerar tudo como obra do deus Dioniso, o qual nem sei se permitia a algum não-iniciado e não-bacante participar de suas orgias. Que eu não seja, portanto, desses homens de mau caráter ao escutar detalhadamente tais coisas, que num banquete são corretamente descartadas ao se ir embora. Pois odeio, como dizem na poesia, um “ébrio memorioso⁴⁰”. E Diônico também não agiu corretamente revelando tais coisas a Carino e espalhando sobre os filósofos a fama de alcoólatras. Longe de mim, isso é algo que eu não diria!

⁴⁰ *Fragmenta adespota*. Fragmento 84, subfragmento 1, linha 1.

ΦΙΛΩΝ

[4] Θρύπτη ταῦτα, ὦ Λυκῖνε. ἀλλ' οὔτι γε πρὸς ἐμὲ οὕτως ποιεῖν ἐχρήην, δὲ ἀκριβῶς πολὺ πλέον ἐπιθυμοῦντά σε εἰπεῖν οἶδα ἢ ἐμὲ ἀκοῦσαι, καί μοι δοκεῖς, εἰ ἀπορήσειας τῶν ἀκουσομένων, κἂν πρὸς κίονά τινα ἢ πρὸς ἀνδριάντα ἠδέως ἂν προσελθὼν ἐκχέαι πάντα συνείρων ἀπνευστί. εἰ γοῦν ἐθελήσω ἀπαλλάττεσθαι νῦν, οὐκ ἐάσεις με ἀνήκοον ἀπελθεῖν, ἀλλ' ἤξεις καὶ παρακολουθήσεις καὶ δεήση. κἀγὼ θρύψομαι πρὸς σὲ ἐν τῷ μέρει καί, εἴ γε δοκεῖ, ἀπίωμεν ἄλλου αὐτὰ πευσόμενοι, σὺ δὲ μὴ λέγε.

ΛΥΚΙΝΟΣ

Μηδὲν πρὸς ὀργήν' διηγῆσομαι γάρ, ἐπεὶπερ οὕτως προθυμῆ, ἀλλ' ὅπως μὴ πρὸς πολλοὺς ἐρεῖς.

ΦΙΛΩΝ

Εἰ μὴ παντάπασιν ἐγὼ ἐπιλέλησμαι Λυκίνου, αὐτὸς σὺ ἄμεινον ποιήσεις αὐτὸ καὶ φθάσεις εἰπὼν ἅπασιν, ὥστε οὐδὲν ἐμοῦ δεήση.

[4] Filo: Tu te fazes de rogado, Licino! Não precisavas agir assim comigo, pois bem sei que estás com mais vontade de falar que eu de ouvir. A mim parece que, se te faltassem ouvintes, aproximar-te-ias de boa vontade das colunas e das estátuas vertendo tudo de um só fôlego. Se por ventura eu desejar partir agora, não permitirás que eu me afaste sem ter ouvido, mas irás me seguir e me deter; precisarás de mim, e então eu é que me farei de rogado para ti. Mas, se é de teu agrado, partirei para inquirir outra pessoa sobre o ocorrido... E tu não fales nada!

Licino: Nada de irritação! Pois relatar-te-ei, uma vez que assim desejas. Mas não vás contar para os demais!

Filo: Se ainda conheço alguma coisa de Licino, tu mesmo farás isso melhor e contarás antes de todos, de modo que serei completamente dispensável.

[5] ἀλλ' ἐκεῖνό μοι πρῶτον εἶπέ, τῷ παιδί τῷ Ζήνωνι ὁ Ἀρισταίνετος ἀγόμενος γυναῖκα εἰστία ὑμᾶς;

ΛΥΚΙΝΟΣ

Οὐκ, ἀλλὰ τὴν θυγατέρα ἐξεδίδου αὐτὸς τὴν Κλεανθίδα τῷ Εὐκρίτου τοῦ δανειστικοῦ, τῷ φιλοσοφούντι.

ΦΙΛΩΝ

Παγκάλω νῆ Δία μειρακίῳ, ἀπαλῶ γε μὴν ἔτι καὶ οὐ πάνυ καθ' ὥραν γάμων.

ΛΥΚΙΝΟΣ

Ἄλλ' οὐκ εἶχεν ἄλλον ἐπιτηδειότερον, οἶμαι. τοῦτον οὖν κόσμιόν τε εἶναι δοκοῦντα καὶ πρὸς φιλοσοφίαν ὠρμημένον, ἔτι δὲ μόνον ὄντα πλουτοῦντι τῷ Εὐκρίτῳ, προείλετο νυμφίον ἐξ ἀπάντων.

ΦΙΛΩΝ

Οὐ μικρὰν λέγεις αἰτίαν τὸ πλουτεῖν τὸν Εὐκρίτον. ἀτὰρ οὖν, ὦ Λυκῖνε, τίνες οἱ δειπνοῦντες ἦσαν;

[5] Mas fala-me de outra coisa primeiro: Para festejar o casamento de seu filho Zenão é que Aristeneto vos recebia?

Licino: Não, ele deu a filha Cleantis em casamento ao filho do usurário Êucrito, o interessado em filosofia.

Filo: Por Zeus, um rapazinho lindo! Não era hora de ele se casar, absolutamente.

Licino: Creio que Aristeneto não tinha opção mais conveniente. Dentre todos escolheu como noivo esse rapaz que parece ser decente e com vocação para filosofia, além de ser o único filho do opulento Êucrito.

Filo: Não é desprezível a razão que mencionas, o fato de Êucrito ser rico. Mas então, Licino, quais eram os convivas?

ΛΥΚΙΝΟΣ

[6] Τοὺς μὲν ἄλλους τί ἄν σοι λέγοιμι; οἱ δὲ ἀπὸ φιλοσοφίας καὶ λόγων, οὕσπερ ἐθέλεις, οἶμαι, ἀκοῦσαι μάλιστα, Ζηνόθεμις ἦν ὁ πρεσβύτερος ὁ ἀπὸ τῆς στοᾶς καὶ ξὺν αὐτῷ Δίφιλος ὁ Λαβύρινθος ἐπίκλην, διδάσκαλος οὗτος ὢν τοῦ Ἀρισταινέτου υἱέος τοῦ Ζήνωνος· τῶν δὲ ἀπὸ τοῦ περιπάτου Κλεόδημος, οἶσθα τὸν στωμύλον, τὸν ἐλεγκτικόν· Ξίφος αὐτὸν οἱ μαθηταὶ καὶ Κοπίδα καλοῦσιν. ἀλλὰ καὶ ὁ Ἐπικούρειος Ἑρμῶν παρῆν, καὶ εἰσελθόντα γε αὐτὸν εὐθὺς ὑπεβλέποντο οἱ Στωϊκοὶ καὶ ἀπεστρέφοντο καὶ δῆλοι ἦσαν ὡς τινα πατραλοῖαν καὶ ἐναγῆ μυσαττόμενοι. οὗτοι μὲν αὐτοῦ Ἀρισταινέτου φίλοι καὶ συνήθεις ὄντες παρεκέκληντο ἐπὶ δεῖπνον καὶ ξὺν αὐτοῖς ὁ γραμματικὸς Ἰστιαῖος καὶ ὁ ῥήτωρ Διονυσόδωρος. [7] διὰ δὲ τὸν νυμφίον τὸν Χαιρέαν Ἴων ὁ Πλατωνικὸς συνειστιάτο διδάσκαλος αὐτοῦ ὢν, σεμνὸς τις ἰδεῖν καὶ θεοπρεπὴς καὶ πολὺ τὸ κόσμιον ἐπιφαίνων τῷ προσώπῳ· Κανόνα γοῦν οἱ πολλοὶ ὀνομάζουσιν αὐτὸν εἰς τὴν ὀρθότητα τῆς γνώμης ἀποβλέποντες. καὶ ἐπεὶ παρῆλθεν ὑπεξανίσταντο πάντες αὐτῷ καὶ ἐδεξιοῦντο ὡς τινα τῶν κρειττόνων, καὶ ὅλως θεοῦ ἐπιδημία τὸ πρᾶγμα ἦν Ἴων ὁ θαυμαστὸς συμπαρών.

[6] Licino: Não há por que mencionar os outros, pois creio que tu desejas saber em particular sobre os homens da filosofia e das letras, dos quais compareceram: Zenôtemis, o velho do Pórtico⁴¹, acompanhado de Dífilo, o que apelidaram de Labirinto, professor de Zenão, filho de Aristeneto; da escola peripatética veio Cleodemo, tu o conheces, o eloquente e refutador, a quem os discípulos chamam de Espada e Punhal; também o epicurista Hermon estava presente: assim que os estoicos viram-no entrar viraram as costas, evidenciando seu desdém, como se fosse um parricida ou um maldito. Esses eram os amigos e familiares convidados ao jantar por Aristeneto, além do gramático Histieu e do orador Dionisodoro.

[7] Por causa de Céreas, o noivo, jantou conosco seu professor, Íon, o platônico, um tipo nobre de se ver e de aparência magnífica e decente: muitos o chamam de Cânon, considerando a correção de seu julgamento. Quando ele chegou todos se levantaram para ceder-lhe seus lugares e o saudaram, como se fosse um ente supremo: certamente a presença de Íon, o admirável, foi semelhante à vinda de um deus.

⁴¹ Local onde o estoico Zenão dava aulas.

[8] Δέον δὲ ἤδη κατακλίνεσθαι ἀπάντων σχεδὸν παρόντων, ἐν δεξιᾷ μὲν εἰσιόντων αἱ γυναῖκες ὅλον τὸν κλιντήρα ἐκεῖνον ἐπέλαβον, οὐκ ὀλίγαι οὔσαι, καὶ ἐν αὐταῖς ἡ νύμφη πάνυ ἀκριβῶς ἐγκεκαλυμμένη, ὑπὸ τῶν γυναικῶν περιεχομένη· ἐς δὲ τὸ ἀντίθυρον ἡ ἄλλη πληθύς, ὡς ἕκαστος ἀξίας εἶχε. [9] καταντικρὺ δὲ τῶν γυναικῶν πρῶτος ὁ Εὐκρίτος, εἶτα Ἀρισταίνετος. εἶτα ἐνεδοιάζετο πότερον χρῆ πρότερον Ζηνόθεμι τὸν Στωϊκὸν ἅτε γέροντα ἢ Ἑρμῶνα τὸν Ἐπικούρειον, ἱερεὺς γὰρ ἦν τοῖν ἀνάκοιν καὶ γένους τοῦ πρώτου ἐν τῇ πόλει. ἀλλὰ ὁ Ζηνόθεμις ἔλυσε τὴν ἀπορίαν· Εἰ γὰρ με, φησὶν, ὦ Ἀρισταίνετε, δεύτερον ἄξις Ἑρμῶνος τουτουί, ἀνδρός, ἵνα μηδὲν ἄλλο κακὸν εἴπω, Ἐπικουρείου, ἄπειμι ὅλον σοι τὸ συμπόσιον καταλιπὼν. καὶ ἅμα τὸν παῖδα ἐκάλει καὶ ἐξιόντι ἐώκει. καὶ ὁ Ἑρμῶν, Ἔχε μὲν, ὦ Ζηνόθεμι, τὰ πρῶτα, ἔφη· ἀτὰρ εἰ καὶ μηδὲν τι ἕτερον ἱερεῖ γε ὄντι ὑπεξίστασθαι καλῶς εἶχεν, εἰ καὶ τοῦ Ἐπικούρου <τοῦ> πάνυ καταπεφρόνηκας. Ἐγέλασα, ἦ δ' ὅς ὁ Ζηνόθεμις, Ἐπικούρειον ἱερέα, καὶ ἅμα λέγων κατεκλίνετο καὶ μετ' αὐτὸν ὅμως ὁ Ἑρμῶν, εἶτα Κλεόδημος ὁ Περιπατητικός, εἶτα ὁ Ἴων καὶ ὑπ' ἐκεῖνον ὁ νυμφίος, εἶτ' ἐγὼ καὶ παρ' ἐμὲ ὁ Δίφιλος καὶ ὑπ' αὐτῷ Ζήνων ὁ μαθητής, εἶτα ὁ ῥήτωρ Διονυσόδωρος καὶ ὁ γραμματικὸς Ἰστιαῖος.

[8] Foi necessário então fazer todos os presentes se sentarem. As mulheres, que não eram poucas, tomaram todo o lado direito do sofá (dentre elas a noiva, muita bem escondida e protegida por elas); o resto das mulheres sentou-se defronte à porta, conforme a importância de cada uma. [9] Do lado oposto das mulheres, primeiro sentou-se Êucrito, e depois Aristeneto. Em seguida este hesitou se era necessário fazer sentar primeiro o estoico Zenôtemis, porque era velho, ou o epicurista Hermon, pois era sacerdote do templo dos Dióscuros⁴² e de uma família importante na cidade. Mas Zenôtemis resolveu o impasse dizendo: “Aristeneto, se preferes esse um aí, um epicurista, para não dizer nada pior, parto abandonando todo o banquete!”. E ao mesmo tempo em que chamava o escravo parecia ir embora. Mas Hermon replicou: “Zenôtemis, fica com o lugar: no entanto deverias tê-lo cedido a mim, tão somente por eu ser sacerdote, mesmo que desprezes muitíssimo Epicuro”. O estoico, estendendo-se no sofá, ainda comentou “Acho muita graça em sacerdotes epicuristas⁴³”. Depois dele sentaram-se Hermon, e então Cleodemo, o peripatético, e então Íon, e depois daquele o noivo; após o noivo, eu, e ao meu lado, Dífilo, em seguida seu discípulo Zenão, e por último o orador Dionisodoro e o gramático Histieu.

⁴² Castor e Pólux.

⁴³ Zenôtemis caçoa de Hermon porque os epicuristas eram conhecidos por não acreditarem na religião. Cf *Zeus Tragediógrafo*, no qual Luciano faz Zeus assistir a um debate entre um estoico e um epicurista defendendo e atacando respectivamente a existência dos deuses.

ΦΙΛΩΝ

[10] Βαβαί, ὦ Λυκίνε, μουσεῖόν τι τὸ συμπόσιον διηγῆ σοφῶν ἀνδρῶν τῶν πλείστων, καὶ ἔγωγε τὸν Ἀρισταίνετον ἐπαινῶ, ὅτι τὴν εὐκταιοτάτην ἑορτὴν ἄγων τοὺς σοφωτάτους ἐστιᾶν πρὸ τῶν ἄλλων ἠξίωσεν, ὅ τι περ τὸ κεφάλαιον ἐξ ἐκάστης αἰρέσεως ἀπανθισάμενος, οὐχὶ τοὺς μὲν, τοὺς δὲ οὐ, ἀλλὰ ἀναμιξ ἅπαντας.

ΛΥΚΙΝΟΣ

Ἔστι γάρ, ὦ ἑταῖρε, οὐχὶ τῶν πολλῶν τούτων πλουσίων, ἀλλὰ καὶ παιδείας μέλει αὐτῷ καὶ τὸ πλεῖστον τοῦ βίου τούτοις ξύνεστιν.

[11] Εἰστιώμεθα οὖν ἐν ἡσυχίᾳ τὸ πρῶτον, καὶ παρεσκεύαστο ποικίλα. πλὴν οὐδὲν οἶμαι χρὴ καὶ ταῦτα καταριθμεῖσθαι, χυμοὺς καὶ πέμματα καὶ καρυκείας· ἅπαντα γὰρ ἄφθονα. ἐν τούτῳ δὲ ὁ Κλεόδημος ἐπικύψας ἐς τὸν Ἴωνα, Ὀρᾶς, ἔφη, τὸν γέροντα· Ζηνόθεμιν λέγων, ἐπήκουον γάρ ὅπως ἐμφορεῖται τῶν ὄψων καὶ ἀναπέπλησται ζωμοῦ τὸ ἱμάτιον καὶ ὅσα τῷ παιδί κατόπιν ἐστῶτι ὀρέγει λανθάνειν οἰόμενος τοὺς ἄλλους, οὐ μεμνημένος τῶν μεθ' αὐτόν; δεῖξον οὖν καὶ Λυκίνῳ ταῦτα, ὡς μάρτυς εἶη. ἐγὼ δὲ οὐδὲν ἐδεόμην δεῖξοντός μοι τοῦ Ἰωνος, πολὺ πρότερον αὐτὰ ἐκ περιωπῆς ἑωρακώς.

[10] Filo: Uau, Licino! Relatas um banquete inspirado dos mais sábios homens! E eu louvo Aristeneto, por ter considerado digno convidar para cear na mais consagrada festa, ao invés de outros, os mais sábios, colhendo o que há de melhor em cada uma das escolas e juntando todos sem distinção.

Licino: É que ele não é um desses inúmeros ricos, mas se preocupa com a educação e convive com os sábios a maior parte de sua vida.

[11] No início comíamos com tranquilidade: foram preparados diversos pratos. Penso não ser necessário contar quais eram todos os molhos, bolos e comidas temperadas: tudo era abundante. Nisto ouvi Cleodemo comentar sobre Zenôtemis, curvando-se para o Íon: “Vês o velho, como abusa dos assados e encharca de sopa o manto? E quantas coisas dá ao escravo postado atrás, pensando que os outros não veem, esquecendo-se dos que vem depois dele? Mostra isso a Licino, para que seja testemunha”. Mas não foi necessário que Íon me mostrasse nada, pois tinha visto muito antes, de um local privilegiado.

[12] Ἄμα οὖν ταῦτα ὁ Κλεόδημος εἰρήκει καὶ ἐπεισέπαισεν ὁ Κυνικός Ἀλκιδάμας ἄκλητος, ἐκεῖνο τὸ κοινὸν ἐπιχαριεντισάμενος, ἄτὸν Μενέλαον αὐτόματον ἤκοντα. τοῖς μὲν οὖν πολλοῖς ἀναίσχυντα ἐδόκει πεποιηκέναι καὶ ὑπέκρουον τὰ προχειρότατα, ὁ μὲν τὸ ἄφραίνεις Μενέλαε, ἃ ὁ δ'

Ἄλλ' οὐκ Ἀτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι ἦνδανε θυμῷ,

καὶ <ἄλλοι> ἄλλα πρὸς τὸν καιρὸν εὖστοχα καὶ χαρίεντα ὑποτονθορύζοντες· ἐς μέντοι τὸ φανερὸν οὐδεὶς ἐτόλμα λέγειν· ἐδεδοίκεσαν γὰρ τὸν Ἀλκιδάμαντα, βοὴν ἀγαθὸν ἀτεχνῶς ὄντα καὶ κρακτικώτατον κυνῶν ἀπάντων, παρ' ὃ καὶ ἀμείνων ἐδόκει καὶ φοβερώτατος ἦν ἅπασιν.

[13] Ὁ δὲ Ἀρισταίνετος ἐπαινέσας αὐτὸν ἐκέλευε θρόνον τινὰ λαβόντα καθίζεσθαι παρ' Ἰστιαῖόν τε καὶ Διονυσόδωρον. ὁ δέ, Ἄπαγε, φησί, γυναικεῖον λέγεις καὶ μαθακὸν ἐπὶ θρόνου καθίζεσθαι ἢ σκίμποδος, ὥσπερ ὑμεῖς ἐπὶ μαλακῆς ταύτης εὐνῆς μικροῦ δεῖν ὑπτιοὶ κατακείμενοι ἐστιᾶσθε πορφυρίδας ὑποβεβλημένοι· ἐγὼ δὲ κἂν ὀρθοστάδην δειπνήσαιμι ἐμπεριπατῶν ἅμα τῷ συμποσίῳ· εἰ δὲ καὶ κάμοιμι, χαμαὶ τὸν τρίβωνα ὑποβαλόμενος κείσομαι ἐπ' ἀγκῶνος οἶον τὸν Ἡρακλέα γράφουσιν. Οὕτως, ἔφη, γιγνέσθω, ὁ Ἀρισταίνετος, εἴ σοι ἥδιον. καὶ τὸ ἀπὸ τούτου περιῶν ἐν κύκλῳ ὁ Ἀλκιδάμας ἐδείπνει ὥσπερ οἱ Σκύθαι πρὸς τὴν ἀφθονωτέραν νομὴν μετεξανιστάμενος καὶ τοῖς περιφέρουσι τὰ ὄψα συμπερινοστῶν.

[12] Mal Cleodemo acabou de falar, irrompeu o cínico Alcidas sem ser convidado, usando-se daquele dito conhecido: “Menelau veio por conta própria⁴⁴”. A muitos pareceu algo vergonhoso de se ter feito e respondiam prontamente: “perdeste a cabeça, ó Menelau?⁴⁵” ou ainda “mas isso ao ânimo do atrida Agamêmnon não agradou⁴⁶”, murmurando outras frases oportunas, sagazes e divertidas. No entanto, como temiam Alcidas, que era absolutamente histérico, o mais escandaloso dos cínicos, e, além disso, considerado mais forte e o mais temível de todos, ninguém ousou falar em voz alta sobre o ocorrido.

[13] Aristeneto, tendo-o cumprimentado, ordenou que, após tomar um assento, se acomodasse ao lado de Histieu e Dionisodoro. Ao que Alcidas respondeu: “Mas isso que me dizes de tomar um assento ou um leito são coisas para fracos e mulheres, como vós, que comeis sobre tecidos púrpura, nesse macio leito onde falta pouco para ficarem deitados. Eu poderia comer até caminhando pelo banquete e, se me cansar, deitarei no chão sobre os meus trapos, apoiado nos cotovelos, como nas representações de Hércules”. Aristeneto concordou: “Que assim seja, se é de teu agrado”. Em seguida, Alcidas começou a comer como um cita, circundando os que carregavam os assados e avançando sobre os pratos mais caros.

⁴⁴ *Iliada*, II, 408.

⁴⁵ *Iliada*, VII, 109.

⁴⁶ *Iliada*, I, 24, nossa tradução, escolhida aqui por ser mais literal.

[14] καὶ μέντοι καὶ σιτούμενος ἐνεργὸς ἦν ἀρετῆς πέρι καὶ κακίας μεταξὺ διεξιῶν καὶ ἐς τὸν χρυσὸν καὶ τὸν ἄργυρον ἀποσκώπτων· ἠρώτα γοῦν τὸν Ἀρισταίνετον, τί βούλονται αὐτῷ αἱ τοσαῦται καὶ τηλικαῦται κύλικες τῶν κεραμεῶν ἴσον δυναμένων. ἀλλ' ἐκεῖνον μὲν ἤδη διανοχλοῦντα ἔπαυσεν ἐς τὸ παρὸν Ἀρισταίνετος τῷ παιδί νεύσας εὐμεγέθη σκύφον ἀναδοῦναι αὐτῷ ζωρότερον ἐγγέαντα· καὶ ἐδόκει ἄριστα ἐπινενοηκέναι οὐκ εἰδὼς ὅσων κακῶν ἀρχὴν ὁ σκύφος ἐκεῖνος ἐνεδεδώκει. λαβὼν δὲ ἅμα ὁ Ἀλκιδάμας ἐσίγησε μικρὸν καὶ ἐς τοῦδαφος καταβαλὼν ἑαυτὸν ἔκειτο ἡμίγυμνος, ὥσπερ ἠπειλήκει, πήξας τὸν ἀγκῶνα ὀρθόν, ἔχων ἅμα τὸν σκύφον ἐν τῇ δεξιᾷ, οἷος ὁ παρὰ τῷ Φόλῳ Ἡρακλῆς ὑπὸ τῶν γραφέων δείκνυται.

[14] Enquanto comia, discorria ativamente acerca da virtude e dos vícios e, no meio-tempo, ridicularizava o ouro e a prata: até perguntou ao Aristeneto por que tais vasos tão grandes não eram de cerâmica. Mas Aristeneto, aborrecido, o impediu de continuar, acenando ao escravo para que lhe desse uma grande taça cheia de vinho. A Aristeneto parecia ser uma ótima idéia; não imaginava a quantos males aquela taça daria início. Depois de pegar a taça Alcidas calou-se por algum tempo, e jogando-se ao chão, deitou-se seminu, como havia ameaçado, apoiando-se em seu cotovelo direito, tendo a taça na mão, tal como nas pinturas de Hércules na caverna de Folo⁴⁷.

⁴⁷ Centauro em cuja caverna Hércules hospedou-se em meio a uma de suas tarefas. O herói pediu-lhe vinho, mas Folo só tinha o vinho dos centauros, que, ao sentirem o cheiro do vinho, chegaram até a caverna. Folo morreu acidentalmente ao tocar em uma das flechas envenenadas de Hércules.

[15] Ἦδη δὲ καὶ ἐς τοὺς ἄλλους συνεχῶς περιεσοβείτο ἢ κύλιξ καὶ φιλοτησίαι καὶ ὀμιλίας καὶ φῶτα εἰσεκεκόμιστο. ἐν τοσοῦτῳ δ' ἐγὼ τὸν παρεστῶτα τῷ Κλεοδήμῳ παῖδα οἰνοχόον ὄντα ὥραϊον ἰδὼν ὑπομειδιῶντα ἄχρη γάρ, οἶμαι, καὶ ὅσα πάρεργα τῆς ἐστίασεως εἰπεῖν, καὶ μάλιστα εἴ τι πρὸς τὸ γλαφυρότερον ἐπράχθη ἄλλα ἤδη παρεφύλαττον ὅ τι καὶ μειδιάσειε. καὶ μετὰ μικρὸν ὁ μὲν προσῆλθεν ὡς ἀποληψόμενος παρὰ τοῦ Κλεοδήμου τὴν φιάλην, ὁ δὲ τὸν τε δάκτυλον ἀπέθλιψεν αὐτοῦ καὶ δραχμὰς δύο, οἶμαι, συνανέδωκε μετὰ τῆς φιάλης· ὁ παῖς δὲ πρὸς μὲν τὸν δάκτυλον θλιβόμενον αὐθις ἐμειδίασεν, οὐ μὴν συνείδεν, οἶμαι, τὸ νόμισμα, ὥστε μὴ δεξαμένου ψόφον αἱ δύο δραχμαὶ παρέσχον ἐκπεσοῦσαι, καὶ ἠρυθρίασαν ἄμφω μάλα σαφῶς. ἠπόρουσαν δὲ οἱ πλησίον οὐτινος εἶη τὰ νομίσματα, τοῦ μὲν παιδὸς ἀρνούμενου μὴ ἀποβεβληκέναι, τοῦ δὲ Κλεοδήμου, καθ' ὃν ὁ ψόφος ἐγένετο, μὴ προσποιουμένου τὴν ἀπόρριψιν. ἠμελήθη οὖν καὶ παρώφθη τοῦτο οὐ πάνυ πολλῶν ἰδόντων πλην μόνου, ὡς ἐμοὶ ἔδοξε, τοῦ Ἀρισταινέτου· μετέστησε γὰρ τὸν παῖδα μικρὸν ὕστερον ἀφανῶς ὑπεξαγαγὼν καὶ τῷ Κλεοδήμῳ τινὰ παραστήναι διένευσε τῶν ἐξώρων ἤδη καὶ καρτερῶν, ὀρεωκόμον τινὰ ἢ ἵπποκόμον. καὶ τοῦτο μὲν ὧδέ πως ἐκεχωρήκει, μεγάλης αἰσχύνης αἴτιον <ἂν> τῷ Κλεοδήμῳ γενόμενον, εἰ ἔφθη διαφοιτήσαν εἰς ἅπαντας, ἀλλὰ μὴ κατέσβη αὐτίκα, δεξιῶς πάνυ τοῦ Ἀρισταινέτου τὴν παροιμίαν ἐνέγκαντος.

[15] Quando trouxeram a iluminação, a taça já circulara ininterruptamente para todos, e as pessoas brindavam e conversavam. E, neste momento, vi sorrir o gracioso rapaz que servia vinho para Cleodemo – penso ser necessário relatar o máximo de incidentes da refeição, sobretudo se foram feitos com graça –, e observei muito para saber por que ele sorria. Pouco tempo depois, enquanto ele se aproximava de Cleodemo para receber a jarra, este apertou contra a mão daquele duas dracmas, entregando-as junto com a jarra. Mas o rapaz não viu o dinheiro e, tendo o dedo pressionado, sorriu novamente, de modo que as duas dracmas caíram e tilintaram, e os dois ficaram visivelmente constrangidos. Os mais próximos se perguntaram de quem seria o dinheiro: do rapaz que as deixou cair? Ou de Cleodemo, o causador do barulho, que fingiu não ter jogado? Como ninguém viu, além de Aristeneto, o fato foi negligenciado e esquecido, e pouco tempo depois o dono da casa retirou discretamente o rapaz e colocou para atender Cleodemo um guardador de mulas e cavalos mais forte e mais velho. Do modo que a situação avançava, seria uma grande vergonha para Cleodemo se todos ficassem sabendo; entretanto foi contida de imediato, pela destreza com que foi conduzida por Aristeneto.

[16] Ὁ Κυνικός δὲ Ἀλκιδάμας, ἐπεπώκει γὰρ ἤδη, πυθόμενος ἥτις ἢ γαμουμένη παῖς καλοῖτο, σιωπὴν παραγγείλας μεγάλη τῇ φωνῇ ἀποβλέψας ἐς τὰς γυναῖκας, Προπίνω σοι, ἔφη, ὦ Κλεανθί, Ἡρακλέους ἀρχηγέτου. ὡς δ' ἐγέλασαν ἐπὶ τούτῳ ἅπαντες, Ἐγελάσατε, εἶπεν, ὦ καθάρματα, εἰ τῇ νύμφῃ προὔπιον ἐπὶ τοῦ ἡμετέρου θεοῦ τοῦ Ἡρακλέους; καὶ μὴν εὖ εἰδέναι χρὴ ὡς, ἦν μὴ λάβῃ παρ' ἐμοῦ τὸν σκύφον, οὔποτε τοιοῦτος ἂν υἱὸς αὐτῇ γένοιτο οἷος ἐγώ, ἄτρεπτος μὲν ἀλκὴν, ἐλεύθερος δὲ τὴν γνώμην, τὸ σῶμα δὲ οὔτω καρτερός· καὶ ἅμα παρεγύμνου ἑαυτὸν μᾶλλον ἄχρι πρὸς τὸ αἴσχιστον. αὐθις ἐπὶ τούτοις ἐγέλασαν οἱ συμπόται, καὶ ὅς ἀγανακτήσας ἐπανίστατο δριμύ καὶ παράφορον βλέπων καὶ δῆλος ἦν οὐκέτι εἰρήνην ἄξων. τάχα δ' ἂν τινος καθίκετο τῇ βακτηρίᾳ, εἰ μὴ κατὰ καιρὸν εἰσεκεκόμιστο πλακοῦς εὐμεγέθης, πρὸς ὃν ἀποβλέψας ἡμερώτερος ἐγένετο καὶ ἔληξε τοῦ θυμοῦ καὶ ἐνεφορεῖτο συμπεριῶν.

[16] Alcidas, como já estivesse bêbado, após descobrir qual era o nome da noiva, pediu silêncio em alta voz e, olhando para as mulheres, disse: “brindo a ti, Cleântis, por meu ancestral Hércules!” Como todos rissem, ele replicou: “ristes, escória, porque brindei à noiva em nome de meu deus Hércules? Pois é bom saberdes que se ela não receber de mim a taça perderá a chance ter um filho como eu, de vigor imutável, livre-pensador, de corpo tão forte!” e ao mesmo tempo despiu-se mais ainda, quase mostrando as impudicícias. E novamente os convidados riram dele, que se levantou enfurecido: evidenciava pelo seu olhar oblíquo não estar mais em paz. E teria acertado alguém com o bastão imediatamente, se nesse exato momento não tivessem trazido um bolo bem servido, que o amansou à primeira vista, conteve sua ira e o saciou enquanto caminhava.

[17] καὶ οἱ πλεῖστοι ἐμέθουν ἤδη καὶ βοῆς μεστὸν ἦν τὸ συμπόσιον· ὁ μὲν γὰρ Διονυσόδωρος ὁ ῥήτωρ αὐτοῦ ῥήσεις τινὰς ἐν μέρει διεξήει καὶ ἐπηνεῖτο ὑπὸ τῶν κατόπιν ἐφεστώτων οἰκετῶν, ὁ δὲ Ἰστιαῖος ὁ γραμματικὸς ἐρραψώδει ὕστερος κατακείμενος καὶ συνέφερεν ἐς τὸ αὐτὸ τὰ Πινδάρου καὶ Ἡσιόδου καὶ Ἀνακρέοντος, ὡς ἐξ ἀπάντων μίαν ᾠδὴν παγγέλοιον ἀποτελεῖσθαι, μάλιστα δ' ἐκεῖνα ὡσπερ προμαντευόμενος τὰ μέλλοντα,

σὺν δ' ἔβαλον ῥινούσ·

καὶ

ἔνθα δ' ἄρ' οἰμωγὴ τε καὶ εὐχολὴ πέλεν ἀνδρῶν.

ὁ Ζηνόθεμις δ' ἀνεγίνωσκε παρὰ τοῦ παιδὸς λαβὼν λεπτόγραμμὸν τι βιβλίον.

[18] Διαλιπόντων δὲ ὀλίγον, ὡσπερ εἰώθασι, τῶν παρακομιζόντων τὰ ὄψα μηχανώμενος Ἀρισταίνετος μηδ' ἐκεῖνον ἀτερπῆ τὸν καιρὸν εἶναι μηδὲ κενὸν ἐκέλευσε τὸν γελωτοποιὸν εἰσελθόντα εἰπεῖν τι ἢ πρᾶξαι γελοῖον, ὡς ἔτι μᾶλλον οἱ συμπόται διαχυθεῖεν. καὶ παρήλθεν ἄμορφός τις ἐξυρημένος τὴν κεφαλὴν, ὀλίγας ἐπὶ τῇ κορυφῇ τρίχας ὀρθὰς ἔχων· οὗτος ὠρχήσατό τε κατακλῶν ἑαυτὸν καὶ διαστρέφων, ὡς γελοϊότερος φανείη, καὶ ἀνάπαιστα συγκροτῶν διεξῆλθεν αἰγυπτιάζων τῇ φωνῇ, καὶ τέλος ἐπέσκωπτεν ἐς τοὺς παρόντας.

[17] A essa altura a maior parte dos convidados estava bêbada e o banquete era só gritaria. Dionisodoro, o orador, fazia discursos contra e a favor de um mesmo assunto e era aplaudido pelos empregados domésticos; enquanto isso o gramático Histieu, o último a se deitar, declamava seu poema juntando versos de Píndaro, Hesíodo e Anacreonte, de modo que o resultado foi uma ode completamente ridícula, sobretudo naqueles versos em que predizia o que estava para acontecer:

"os broqueis se entrebatem⁴⁸" e "ergue-se um tumulto de gritos de dor e de triunfo⁴⁹". Quanto a Zenôtemis, ele lia um livro de letras miúdas que recebeu das mãos do seu escravo.

[18] Pouco tempo depois, como era de costume, Aristeneto interrompeu o serviço de copa, e, planejando preencher aquele momento com algo descontraído, ordenou que entrasse o bufão e fizesse ou dissesse algo engraçado, para que os convivas se deliciassem ainda mais. Entrou um sujeitinho deformado e careca, exceto por uns fiapos no topo da cabeça. Ele se batia enquanto dançava, e se contorcia para parecer mais ridículo. Compôs sátiras em anapestos⁵⁰ batendo palmas e imitando o modo de falar egípcio, e, finalmente, começou a caçoar dos presentes.

⁴⁸ *Iliada* IV, 447.

⁴⁹ *Iliada* IV, 450.

⁵⁰ Pé métrico que consiste em duas sílabas breves e uma longa.

[19] οἱ μὲν οὖν ἄλλοι ἐγέλων ὁπότε σκωφθεῖεν, ἐπεὶ δὲ καὶ εἰς τὸν Ἀλκιδάμαντα ὁμοίον τι ἀπέρριψε Μελιταῖον κυνίδιον προσειπὼν αὐτόν, ἀγανακτήσας ἐκεῖνος· καὶ πάλαι δὲ δῆλος ἦν φθονῶν αὐτῷ εὐδοκιμοῦντι καὶ κατέχοντι τὸ συμπόσιον· ἀπορρίψας τὸν τρίβωνα προὔκαλεῖτό οἱ παγκρατιάζειν, εἰς δὲ μή, κατοίσειν αὐτοῦ ἔφη τὴν βακτηρίαν. οὕτω δὲ ὁ κακοδαίμων ὁ Σατυρίων· τοῦτο γὰρ ὁ γελωτοποιὸς ἐκαλεῖτο· συστὰς ἐπαγκρατίαζε. καὶ τὸ πρᾶγμα ὑπερήδιστον ἦν, φιλόσοφος ἀνὴρ γελωτοποιῷ ἀνταιρόμενος καὶ παίων καὶ παϊόμενος ἐν τῷ μέρει. οἱ παρόντες δὲ οἱ μὲν ἠδούντο, οἱ δὲ ἐγέλων, ἄχρι ἀπηγόρευσε παϊόμενος ὁ Ἀλκιδάμας ὑπὸ συγκεκριμένου ἀνθρωπίσκου καταγωνισθεῖς. γέλωσ οὖν πολὺς ἐξεχύθη ἐπ' αὐτοῖς.

[19] Todos riam quando eram alvo de piada, mas quando o bufão, olhando para Alcidamas, disse-lhe que parecia um cãozinho maltês, este se irritou, – e dava para notar fazia tempo sua inveja por aquele a quem o banquete dirigia agora sua atenção – jogou o manto e desafiou-o a lutar, e caso não aceitasse, Alcidamas disse que lhe bateria com o cajado. Desse modo o infeliz do Satírion (esse era o nome dele) já começou a lutar. A cena era divertidíssima: um filósofo insurgindo contra um bufão, ora batendo, ora apanhando.

Os presentes envergonhavam-se ou riam, até que Alcidamas desistiu de apanhar, pois perdia do homúnculo bem treinado, e isso foi motivo de riso a todos.

[20] Ἐνταῦθα Διόνικος ἐπεισῆλθεν ὁ ἰατρὸς οὐ πολὺ κατόπιν τοῦ ἀγῶνος· ἐβεβραδύκει δέ, ὡς ἔφασκε, φρενίτιδι ἐαλωκότα θεραπεύων Πολυπρέποντα τὸν αὐλητήν. καί τι καὶ γελοῖον διηγῆσατο· ἔφη μὲν γὰρ εἰσελθεῖν παρ' αὐτὸν οὐκ εἰδὼς ἐχόμενον ἤδη τῷ πάθει, τὸν δὲ ταχέως ἀναστάντα ἐπικλεῖσαι τε τὴν θύραν καὶ ξιφίδιον σπασάμενον ἀναδόντα αὐτῷ τοὺς αὐλοὺς κελεύειν αὐλεῖν· εἶτα ἐπεὶ μὴ δύναίτο, παίειν σκῦτος ἔχοντα ἐς ὑπτίας τὰς χεῖρας. τέλος οὖν ἐν τοσοῦτῳ κινδύνῳ ἐπινοῆσαι τοιόνδε· ἐς ἀγῶνα γὰρ προκαλέσασθαι αὐτὸν ἐπὶ ῥητῷ πληγῶν ἀριθμῷ, καὶ πρῶτον μὲν αὐτὸς αὐλῆσαι πονηρῶς, μετὰ δὲ παραδοὺς τοὺς αὐλοὺς ἐκείνῳ δέξασθαι παρ' αὐτοῦ τὸ σκῦτος· καὶ τὸ ξιφίδιον ἀπορρῖψαι τάχιστα διὰ τῆς φωταγωγοῦ ἐς τὸ ὕπαιθρον τῆς αὐλῆς, καὶ τὸ ἀπὸ τούτου ἀσφαλέστερος ἤδη προσπαλαίων αὐτῷ ἐπικαλεῖσθαι τοὺς γειτνιῶντας, ὑφ' ὧν ἀνασπασάντων τὸ θύριον σωθῆναι αὐτός. ἐδείκνυε δὲ καὶ σημεῖα τῶν πληγῶν καὶ ἀμυχὰς τινὰς ἐπὶ τοῦ προσώπου. Καὶ ὁ μὲν Διόνικος οὐ μείων εὐδοκιμήσας τοῦ γελωτοποιοῦ ἐπὶ τῇ διηγῆσει πλησίον τοῦ Ἰστιαίου παραβύσας ἑαυτὸν ἐδείπνει ὅσα λοιπά, οὐκ ἄνευ θεοῦ τινος ἡμῖν ἐπιπαρών, ἀλλὰ καὶ πάνυ [21] χρήσιμος τοῖς μετὰ ταῦτα γεγεννημένος. παρελθὼν γὰρ τις εἰς τὸ μέσον οἰκέτης παρ' Ἐτοιμοκλέους ἤκειν λέγων τοῦ Στωϊκοῦ γραμματίδιον ἔχων κελεῦσαι οἱ ἔφη τὸν δεσπότην ἐν τῷ κοινῷ ἀναγνόντα εἰς ἐπήκοον ἅπασιν ὀπίσω αὐθις ἀπαλλάττεσθαι. ἐφέντος οὖν τοῦ Ἀρισταινέτου προσελθὼν πρὸς τὸν λύχνον ἀνεγίνωσκεν.

ΦΙΛΩΝ

Ἦ που, ὦ Λυκῖνε, τῆς νύμφης ἐγκώμιον ἢ ἐπιθαλάμιον, οἶα πολλὰ ποιούσιν;

ΛΥΚΙΝΟΣ

Ἀμέλει καὶ ἡμεῖς τοιοῦτόν τι ᾤθημεν, ἀλλ' οὐδ' ἐγγὺς ἦν τούτου· ἐνεγέγραπτο γάρ·

[20] Nesse momento chegou o médico Diônico, não muito depois da briga. Contou-nos que seu atraso devera-se ao atendimento de um flautista, Poliprepo, que ficou louco. O engraçado foi Diônico ter ido à casa deste sem saber da doença: ao entrar, o doente pulou da cama, trancou a porta, desembainhou uma adaga e ordenou que o médico tocasse suas flautas. Como não soubesse tocar, levou uma palmatoada com uma tira de couro. Estando em grande perigo, planejou o seguinte: desafiou-o para um jogo em que o perdedor levaria um certo número de palmatoadas. Tocou primeira e miseravelmente a flauta. Quando foi entregá-la para o flautista, recebeu dele a tira e jogou a adaga pela janela. Sentiu-se então mais seguro e, agarrando-o, chamou os vizinhos que abriram a porta e resgataram-no. Também nos mostrou as marcas da palmatória e alguns arranhões no rosto. Diônico, não menos engraçado que o palhaço graças à sua história, espremeu-se próximo a Histieu para comer o que restava do jantar. Foi obra de um deus sua chegada até nós, pois foi muito útil nos momentos vindouros.

[21] Surgiu entre nós, naquele instante, um servo do estoico Hetémocles, trazendo uma carta que deveria ser lida em voz alta antes de ele voltar, segundo as ordens recebidas. Obtendo o consentimento de Aristeneto, aproximou-se da luz e começou a ler.

Filo: Suponho que tenha sido um encômio à noiva ou um epitalâmio, como é hábito?

Licino: Esperávamos algo do tipo, de fato, mas isso passou longe da verdade. Assim era a carta:

[22] Ἐτοιμοκλῆς φιλόσοφος Ἀρισταινέτω.

Ὅπως μὲν ἔχω πρὸς δεῖπνα ὁ παρεληλυθὼς μοι βίος ἅπας μαρτύριον ἂν γένοιτο, ὅς γε ὁσημέραι πολλῶν ἐνοχλούντων παρὰ πολὺ σοῦ πλουσιωτέρων ὁμῶς οὐδὲ πώποτε φέρων ἐμαυτὸν ἐπέδωκα εἰδὼς τοὺς ἐπὶ τοῖς συμποσίοις θορύβους καὶ παροινίας. ἐπὶ σοῦ δὲ μόνου εἰκότως ἀγανακτῆσαί μοι δοκῶ, ὅς τοσοῦτον χρόνον ὑπὲρ ἐμοῦ λιπαρῶς τεθεραπευμένος οὐκ ἠξίωσας ἐναριθμῆσαι καμὲ τοῖς ἄλλοις φίλοις, ἀλλὰ μόνος ἐγὼ σοι ἄμοιρος, καὶ ταῦτα ἐν γειτόνων οἰκῶν. ἀνιῶμαι οὖν ἐπὶ σοὶ τὸ πλεόν οὕτως ἀχαρίστῳ φανέντι· ἐμοὶ γὰρ ἡ εὐδαιμονία οὐκ ἐν ὑδὸς ἀγρίου μοίρα ἢ λαγωοῦ ἢ πλακοῦντος, ἀ παρὰ ἄλλοις ἀφθόνως ἀπολαύω τὰ καθήκοντα εἰδόσιν, ἐπεὶ καὶ τήμερον παρὰ τῷ μαθητῇ Παμμένει δειπνήσαι πολυτελές, ὥς φασί, δεῖπνον δυνάμενος οὐκ ἐπένευσα ἰκετεύοντι, σοὶ ὁ ἀνόητος ἐμαυτὸν φυλάττων. [23] σὺ δὲ ἡμᾶς παραλιπὼν ἄλλους εὐωχεῖς, εἰκότως· οὕτω γὰρ δύνασαι διακρίνειν τὸ βέλτιον οὐδὲ τὴν καταληπτικὴν φαντασίαν ἔχεις. ἀλλὰ οἶδα ὅθεν μοι ταῦτα, παρὰ τῶν θαυμαστῶν σου φιλοσόφων, Ζηνοθέμιδος καὶ Λαβυρίνθου, ὧν - ἀπεῖη δὲ ἡ Ἀδράστεια - συλλογισμῷ ἐνὶ ἀποφράξει ἂν μοι τάχιστα δοκῶ τὰ στόματα. ἢ εἰπάτω τις αὐτῶν, τί ἐστὶ φιλοσοφία; ἢ τὰ πρῶτα ταῦτα, τί διαφέρει σχέσις ἕξεως; ἵνα μὴ τῶν ἀπόρων εἶπω τι, κερατίναν ἢ σωρείτην ἢ θερίζοντα λόγον. Ἀλλὰ σὺ μὲν ὄναιο αὐτῶν. ἐγὼ δὲ ὥς ἂν μόνον τὸ καλὸν ἀγαθὸν ἠγούμενος εἶναι οἶσω ῥαδίως τὴν ἀτιμίαν.

[22] “Do filósofo Hetémocles para Aristeneto: De que modo me sinto em relação a jantares, que toda minha vida até hoje sirva de testemunho, pois todos os dias sou importunado por homens muito mais ricos do que tu, sempre declinando do convite, conhecendo o ambiente tumultuoso e ébrio típico dos banquetes. Porém contigo me parece razoável indignar-me com o fato de não me incluíres entre teus amigos, levando em conta por quanto tempo te ensinei brilhantemente. Apenas eu fui excluído por ti, e isso porque moro na vizinhança! É por isso que me irrita contigo, que te mostras tão ingrato: já que para mim a felicidade não está em um pedaço de javali, de lebre, ou de bolo (os quais como em abundância em mesas de outros que conhecem suas obrigações). Hoje mesmo poderia ter jantado uma refeição dispendiosa, como dizem, na casa de meu discípulo Pamenes, contudo neguei sua súplica, resguardando-me (insensato que sou) para teu jantar.

[23] No entanto me negligenciaste e bajulas os outros. E com razão, visto que não tens absolutamente a capacidade de discernir o melhor do pior, nem a faculdade da compreensão. Mas sei muito bem de onde me vem tudo isso: dos seus admirados filósofos Zenôtemis e Labirinto, dos quais – longe de mim me vangloriar⁵¹ – creio calar a boca rapidamente com um único silogismo. Deixa algum deles indagar 'o que é filosofia' ou outra dessas questões elementares, como a diferença entre acidente e atributo (isso para não citar as falácias dos chifres⁵², da pilha⁵³, ou da colheita⁵⁴). Mas trata de te divertires com eles. Eu, por minha vez, sendo o único a conhecer o que é o bom e o belo, facilmente suportarei o opróbrio.

⁵¹ Literalmente ‘Afasta-te, Adrasteia!’. Hetémocles, apesar de se declarar superior aos demais filósofos, deseja ser interpretado como uma pessoa humilde, afirmando que Adrasteia não precisa puni-lo por vaidade.

⁵² Aparece em outra obra de Luciano, *Venda de Filosofias* sendo contado por Crisipo. É uma das falácias mais famosas dos estoicos: tudo o que você não perdeu, você tem; você não perdeu os chifres, logo, você tem chifres.

⁵³ Também conhecido como φιλακρος [careca]. Se você afirma que um grão de areia não forma um monte, concordará que 2 também não, nem 3, e assim indefinidamente até provar não existirem rebanhos, nem multidões. Funciona também ao contrário: alguém que possui 10.000 fios de cabelo não será careca, logo, um com 9.999 também não, até que não existirá careca alguma.

⁵⁴ Outro silogismo de Crisipo, em que ele prova que um homem que diz que irá ceifar um campo não irá nem pode fazer isso.

[24] καίτοι ὅπως μὴ ἐς ἐκείνην ἔχης καταφεύγειν τὴν ἀπολογίαν ὕστερον, ἐπιλαθῆσθαι λέγων ἐν τοσοῦτῳ θορύβῳ καὶ πράγμασι, δὶς σε τήμερον προσηγόρευσα καὶ ἔωθεν ἐπὶ τῇ οἰκίᾳ καὶ ἐν τῷ ἀνακείῳ θύοντα ὕστερον. ταῦτα ἐγὼ τοῖς παροῦσιν ἀπολελόγημαι.

[25] Εἰ δὲ δείπνου ἔνεκα ὀργίζεσθαί σοι δοκῶ, τὸ κατὰ τὸν Οἰνέα ἐννόησον· ὄψει γὰρ καὶ τὴν Ἄρτεμιν ἀγανακτοῦσαν, ὅτι μόνην αὐτὴν οὐ παρέλαβεν ἐκεῖνος ἐπὶ τὴν θυσίαν τοὺς ἄλλους θεοὺς ἐστιῶν. φησὶ δὲ περὶ αὐτῶν Ὅμηρος ᾧδέ πως·

ἦ λάθετ' ἢ οὐκ ἐνόησεν, ἀάσατο δὲ μέγα θυμῷ·

καὶ Εὐριπίδης·

Καλυδὼν μὲν ἦδε γαῖα, Πελοπίας χθονὸς
ἐν ἀντιπόρθμοις, πεδί' ἔχουσ' εὐδαίμονα.

καὶ Σοφοκλῆς·

συδὸς μέγιστον χρῆμ' ἐπ' Οἰνέως γύαις
ἀνῆκε Λητοῦς παῖς ἐκηβόλος θεά.

[24] Não podes também te refugiar na desculpa de teres esquecido, em meio ao tumulto dos acontecimentos, pois falei contigo duas vezes hoje, de manhã em tua casa e mais tarde à porta do templo de Castor e Pólux. Disse isso para esclarecer teus convidados.

[25] Se te pareço enraivecer-me devido a uma simples refeição, lembra-te da história de Eneu e verás que Ártemis também se irritou por ter sido a única a não ser convidada para o sacrifício aos outros deuses. Assim contam os poetas Homero: ‘Ou esqueceu ou não pensara, erro gravíssimo⁵⁵’; Eurípides: ‘Esta terra é de Calidon, terra de Pélops, terra fértil⁵⁶’ e Sófocles: ‘Um javali, imenso acontecimento nos campos de Eneu, o filho da deusa Leto atingiu certoiro.⁵⁷’

⁵⁵ *Iliada* 9, 537.

⁵⁶ Da obra perdida *Meleagro*, fragmento 369.

⁵⁷ Da obra perdida *Meleagro*, fragmento 515.

[26] Ταῦτά σοι ἀπὸ πολλῶν ὀλίγα παρεθέμην, ὅπως μάθῃς οἷον ἄνδρα παραλιπὼν Δίφιλον ἐστιῶς καὶ τὸν υἱὸν αὐτῷ παραδέδωκας, εἰκότως· ἡδὺς γὰρ ἐστι τῷ μεираκίῳ καὶ πρὸς χάριν αὐτῷ σύνεστιν. εἰ δὲ μὴ αἰσχρὸν ἦν ἐμὲ λέγειν τὰ τοιαῦτα, κἄν τι προσέθηκα, ὅπερ σύ, εἰ θέλεις, παρὰ Ζωπύρου τοῦ παιδαγωγοῦ αὐτοῦ μάθοις ἂν ἀληθὲς ὄν. ἀλλ' οὐ χρὴ ταραττεῖν ἐν γάμοις οὐδὲ διαβάλλειν ἄλλους, καὶ μάλιστα ἐφ' οὕτως αἰσχροῖς αἰτίαις· καὶ γὰρ εἰ Δίφιλος ἄξιός δύο ἤδη μαθητὰς μου περισπάσας, ἀλλ' ἔγωγε φιλοσοφίας αὐτῆς ἕνεκα σιωπήσομαι.

[27] Προσέταξα δὲ τῷ οἰκέτῃ τούτῳ, ἦν διδῶς αὐτῷ μοῖράν τινα ἢ συὸς ἢ ἐλάφου ἢ σησαμοῦντος, ὡς ἐμοὶ διακομίσειεν καὶ ἀντὶ τοῦ δείπνου ἀπολογία γένοιτο, μὴ λαβεῖν, μὴ καὶ δόξωμεν ἐπὶ τούτῳ πεπομφέναι.

[28] Τούτων, ᾧ ἑταίρε, ἀναγινωσκομένων μεταξὺ ἰδρῶς τέ μοι περιχεῖτο ὑπ' αἰδοῦς, καὶ τοῦτο δὴ τὸ τοῦ λόγου, χανεῖν μοι τὴν γῆν ηὐχόμεν ὄρων τοὺς παρόντας γελῶντας ἐφ' ἑκάστῳ καὶ μάλιστα ὅσοι ἤδεσαν τὸν Ἐτοιμοκλέα, πολὺν ἄνθρωπον καὶ σεμνὸν εἶναι δοκοῦντα. ἐθαύμαζον οὖν οἷος ὢν διαλάθοι αὐτοὺς ἐξαπατωμένους τῷ πῶγωνι καὶ τῇ τοῦ προσώπου ἐντάσει. ὁ γὰρ Ἄρισταίνετος ἐδόκει μοι οὐκ ἀμελεία παριδεῖν αὐτόν, ἀλλ' οὐποτ' ἂν ἐλπίσας κληθέντα ἐπινεῦσαι οὐδ' ἂν ἐμπαρασχεῖν ἑαυτὸν τοιούτῳ τινί· ὥστε οὐδὲ τὴν ἀρχὴν πειρᾶσθαι ἠξίου.

[26] Dentre muitas outras cito a ti essas obras, para que entendas que tipo de homem preteriste por Dífilo, a quem alimentas e confiaste teu filho, com razão, já que é brando com o rapazinho e um professor complacente. Se não me fosse vergonhoso dizer certas coisas, exporia algo mais, o que tu descobririas ser a verdade de Zopiro, seu preceptor, se desejares. Mas não se deve perturbar um casamento nem difamar outrem, especialmente com acusações tão molestas! Embora Dífilo mereça, pois já me surrupiou dois discípulos... Contudo calar-me-ei, por consideração à filosofia.

[27] Ordenei a meu escravo que recusasse, caso lhe fosse oferecido como desculpa por não ter me convidado, algum pedaço de javali, cervo ou bolo de gergelim, para não parecer que o enviei para essa finalidade”.

[28] Enquanto a carta era lida, caro colega, suei de constrangimento e, como diz o ditado, pedi que a terra me engolisse quando via os presentes convivas a cada frase, principalmente porque muitos conheciam Hetémocles, um homem grisalho e de aparência respeitável. Espantei-me de que tal homem os tivesse enganado por meio de sua barba e de sua expressão sisuda. Já Aristeneto, na minha opinião, não parecia tê-lo negligenciado, mas, como não esperava que Hetémocles aceitasse o convite nem se permitiria comparecer a um evento do gênero, achou melhor não tentar.

[29] ἐπεὶ δ' οὖν ἐπαύσατό ποτε ὁ οἰκέτης ἀναγινώσκων, τὸ μὲν συμπόσιον ἅπαν εἰς τοὺς ἀμφὶ τὸν Ζήνωνα καὶ Δίφιλον ἀπέβλεπε δεδοικότας καὶ ὠχριῶντας καὶ τῇ ἀπορίᾳ τῶν προσώπων ἐπαληθεύοντας τὰ ὑπὸ τοῦ Ἐτοιμοκλέους κατηγορηθέντα· ὁ Ἀρισταίνετος δὲ ἐτετάρακτο καὶ θορύβου μεστὸς ἦν, ἐκέλευε δ' ὅμως πίνειν ἡμᾶς καὶ ἐπειρᾶτο εὖ διατίθεσθαι τὸ γεγονός ὑπομειδιῶν ἅμα, καὶ τὸν οἰκέτην ἀπέπεμψεν εἰπὼν ὅτι ἐπιμελήσεται τούτων. μετ' ὀλίγον δὲ καὶ ὁ Ζήνων ὑπεξανέστη ἀφανῶς, τοῦ παιδαγωγοῦ νεύσαντος ἀπαλλάττεσθαι ὡς κελεύσαντος τοῦ πατρός.

[30] Ὁ Κλεόδημος δὲ καὶ πάλαι τινὸς ἀφορμῆς δεόμενος ἔβούλετο γὰρ συμπλακῆναι τοῖς Στωϊκοῖς καὶ διερρήγνυτο οὐκ ἔχων ἀρχὴν εὐλογον· τότε οὖν τὸ ἐνδόσιμον παρασχούσης τῆς ἐπιστολῆς, Τοιαῦτα, ἔφη, ἐξεργάζεται ὁ καλὸς Χρῦσιππος καὶ Ζήνων ὁ θαυμαστὸς καὶ Κλεάνθης, ῥημάτια δύστηνα καὶ ἐρωτήσεις μόνον καὶ σχήματα φιλοσόφων, τὰ δ' ἄλλα Ἐτοιμοκλεῖς οἱ πλείστοι καὶ αἱ ἐπιστολαὶ ὁρᾶτε ὅπως πρεσβυτικάι, καὶ τὸ τελευταῖον Οἶνεὺς μὲν Ἀρισταίνετος, Ἐτοιμοκλῆς δὲ Ἄρτεμις. Ἡράκλεις, εὐφημα πάντα καὶ ἑορτῇ πρέποντα. [31] Νῆ Δί', εἶπεν ὁ Ἑρμῶν ὑπερκατακείμενος· ἀκηκόει γάρ, οἶμαι, ὅν τινα ἐσκευάσθαι Ἀρισταινέτῳ ἐς τὸ δεῖπνον, ὥστε οὐκ ἄκαιρον ᾧετο μεμνήσθαι τοῦ Καλυδωνίου. ἀλλὰ πρὸς τῆς Ἑστίας, ὦ Ἀρισταίνετε, πέμπε ὡς τάχιστα τῶν ἀπαρχῶν, μὴ καὶ φθάσῃ ὁ πρεσβύτης ὑπὸ λιμοῦ ὥσπερ ὁ Μελέαγρος ἀπομαρανθείς. καίτοι οὐδὲν ἂν πάθοι δεινόν·

[29] Quando enfim o escravo terminou de ler a carta, todos ficaram olhando para Zenão e Dífilo, os quais, assustados e pálidos, confessavam pelo desespero em suas faces a verdade das acusações de Hetémocles. Aristeneto também estava agitado e muito confuso, mas pediu-nos que continuássemos bebendo e tentou disfarçar o acontecido sorrindo, e dispensou o escravo dizendo que cuidaria do assunto. Pouco tempo depois Zenão levantou-se discretamente, quando seu preceptor fez um sinal para que saísse, como se seu próprio pai tivesse ordenado.

[30] A carta foi a deixa para que Cleodemo (que estava a ponto de explodir por não ter nenhum pretexto razoável para poder implicar com os estoicos) enfim dissesse: "É esse o legado do nobre Crisipo, do admirável Zenão e de Cleantes⁵⁸: dizer frasezinhas abomináveis e proposições, mas quanto ao resto, são quase todos como Hetémocles! E a carta, vede como foi respeitável! Para completar, Aristeneto como Eneu e Hetémocles sendo Ártemis! Por Hércules, apenas bons augúrios, propícios para dias de festa!"

[31] "Sim, por Zeus!" – exclamou Hermon, que estava acima de Cleodemo – "Penso que Hetémocles ouviu falar que Aristeneto preparava um javali para o jantar, não considerando assim, ser inoportuno mencionar o javali de Calidon. Por Héstia⁵⁹, Aristeneto, envia logo uma porção para o velho, antes que morra de fome como o Meleagro! Embora isso não vá ser nenhum sofrimento terrível a ele, visto que Crisipo considerava a fome como algo indiferente⁶⁰".

⁵⁸ Aqui Cleodemo fala de Cleantes, precedido por Zenão no comando da escola estoica e sucedido por Crisipo e não da noiva, Cleantis.

⁵⁹ Deusa grega da hospitalidade.

⁶⁰ De acordo com Giovanni Reale em *História da Filosofia*, vol I, página 262, para os estoicos todas as coisas eram divididas em 3 categorias: o bem (a virtude), o mal (os vícios) e as coisas indiferentes (todas as coisas externas ao ser).

[32] ἀδιάφορα γὰρ ὁ Χρῦσιππος τὰ τοιαῦτα ἡγεῖτο εἶναι. Χρυσίππου γὰρ μέμνησθε ὑμεῖς, ἔφη ὁ Ζηνόθεμις ἐπεγείρας ἑαυτὸν καὶ φθεγξάμενος παμμέγεθες, ἢ ἀφ' ἑνὸς ἀνδρὸς οὐκ ἐννόμως φιλοσοφούντος, Ἐτοιμοκλέους τοῦ γόητος, μετρεῖτε τὸν Κλεάνθην καὶ Ζήνωνα, σοφοὺς ἀνδρας; τίνες δὴ καὶ ὄντες ὑμεῖς ἐρεῖτε ταῦτα; οὐ σὺ μὲν τῶν Διοσκούρων ἤδη, ὦ Ἑρμῶν, τοὺς πλοκάμους περικέκαρκας χρυσοῦς ὄντας καὶ δώσεις δίκην παραδοθεὶς τῷ δημίῳ, σὺ δὲ τὴν Σωστράτου γυναῖκα τοῦ μαθητοῦ ἐμοίχευες, ὦ Κλεόδημε, καὶ καταληφθεὶς τὰ αἴσχιστα ἔπαθες; οὐ σιωπήσεσθε οὖν τοιαῦτα συνεπιστάμενοι αὐτοῖς; Ἄλλ' οὐ μαστροπὸς ἐγὼ τῆς ἑμαυτοῦ γυναικός, ἢ δ' ὅς ὁ Κλεόδημος, ὥσπερ σὺ, οὐδὲ τοῦ ξένου μαθητοῦ λαβὼν τοῦφόδιον παρακαταθήκας ἔπειτα ὤμοσα κατὰ τῆς Πολιάδος μὴ εἰληφέναι, οὐδ' ἐπὶ τέτταρσι δραγμαῖς δανείζω, οὐδὲ ἄγχω τοὺς μαθητάς, ἢν μὴ κατὰ καιρὸν ἀποδώσι τοὺς μισθοὺς. Ἄλλ' ἐκεῖνο, ἔφη ὁ Ζηνόθεμις, οὐκ ἂν ἔξαρνος γένοιο μὴ οὐχὶ φάρμακον ἀποδόσθαι Κρίτωνι ἐπὶ τὸν πατέρα.

[33] Καὶ ἅμα, ἔτυχε γὰρ πίνων, ὅποσον ἔτι λοιπὸν ἐν τῇ κύλικι, περὶ ἥμισυ σχεδόν, κατεσκέδασεν αὐτοῖν. ἀπέλαυσε δὲ καὶ ὁ Ἴων τῆς γειτονήσεως, οὐκ ἀνάξιος ὢν. ὁ μὲν οὖν Ἑρμῶν ἀπεξύετο ἐκ τῆς κεφαλῆς τὸν ἄκρατον προνευκῶς καὶ τοὺς παρόντας ἐμαρτύρετο, οἷα ἐπεπόνθει. ὁ Κλεόδημος δέ' οὐ γὰρ εἶχε κύλικα ἐπιστραφεὶς προσέπτυσέν τε τὸν Ζηνόθεμιν καὶ τῇ ἀριστερᾷ τοῦ πάγωνος λαβόμενος ἔμελλε παίσειν κατὰ κόρρης, καὶ ἀπέκτεινεν ἂν τὸν γέροντα, εἰ μὴ Ἀρισταίνετος ἐπέσχε τὴν χεῖρα καὶ ὑπερβὰς τὸν Ζηνόθεμιν ἐς τὸ μέσον αὐτοῖν κατεκλίθη, ὥς διασταῖεν ὑπὸ διατειχίσματι αὐτῷ εἰρήνην ἄγοντες.

[32] "Como ousas citar Crisipo?" - exaltou-se Zenôtemis, bradando a plenos pulmões. "Comparais homens sábios como Cleantes e Zenão a Hetémocles, o charlatão, filósofo de fim de semana? Quem és tu para afirmar tais coisas, Hermon? Não foste tu que cortaste o cabelo da estátua dos Dióscuros porque era de ouro, pelo qual foi julgado? Ademais, cometeste adultério com a mulher de teu discípulo Sótrato e foste flagrado fazendo sem-vergonhices! Então porque não te calas, reconhecendo teus vícios?" "Pelo menos não sou cafetão de minha própria esposa como tu!" – treplicou Cleodemo – "Nem tomo as economias de meu discípulo estrangeiro dizendo que vou depositar para em seguida jurar por Atena Polias⁶¹ que não peguei, nem cobro quatro dracmas de juro ou estrangulo meus discípulos se não pagam a tempo". "No entanto, há algo que não podes negar".- disse Zenôtemis - "Que vendeste veneno a Críton para que ele envenenasse seu pai!"

[33] E, ao dizer isso, jogou o que restava de sua taça de vinho (cerca de metade) em Cleodemo e Hermon, e até Íon que se avizinhava teve sua merecida parte. Hermon limpou sua cabeça, inclinando-se para frente, e chamou os presentes para testemunharem o que sofria.

Cleodemo, por sua vez, como não possuísse uma taça, virou-se e cuspiu em Zenôtemis e com a mão esquerda pegou sua barba, sendo impedido por Aristeneto de socar-lhe e quase matá-lo. Este se deitou entre os dois, para afastá-los por meio de uma muralha e forçá-los a manter a paz.

⁶¹ Deusa mais antiga da cidade de Atenas. Segundo a nota 48 da edição Belles Lettres, perjúrio parecido aparece em *Icaromenipo*, 16.

[34] Ἐν ὅσῳ δὲ ταῦτ' ἐγένετο, ποικίλα, ὦ Φίλων, ἐγὼ πρὸς ἑμαυτὸν ἐνενόουν τὸ πρόχειρον ἐκεῖνο, ὡς οὐδὲν ὄφελος ἦν ἄρα ἐπίστασθαι τὰ μαθήματα, εἰ μὴ τις καὶ τὸν βίον ρυθμίσει πρὸς τὸ βέλτιον· ἐκείνους γοῦν περιττοὺς ὄντας ἐν τοῖς λόγοις ἐώρων γέλωτα ἐπὶ τῶν πραγμάτων ὀφλισκάνοντας. ἔπειτα δὲ εἰσήει με, μὴ ἄρα τὸ ὑπὸ τῶν πολλῶν λεγόμενον ἀληθές ἦ καὶ τὸ πεπαιδεῦσθαι ἀπάγη τῶν ὀρθῶν λογισμῶν τοὺς ἐς μόνον τὰ βιβλία καὶ τὰς ἐν ἐκείνοις φροντίδας ἀτενὲς ἀφορῶντας· τοσούτων γοῦν φιλοσόφων παρόντων οὐδὲ κατὰ τύχην ἕνα τινὰ ἕξω ἀμαρτήματος ἦν ἰδεῖν, ἀλλ' οἱ μὲν ἐποίουν αἰσχρά, οἱ δ' ἔλεγον αἰσχίῳ· οὐδὲ γὰρ ἐς τὸν οἶνον ἔτι ἀναφέρειν εἶχον τὰ γινόμενα λογιζόμενος οἷα ὁ Ἐτοιμοκλῆς ἄσιτος ἔτι καὶ ἄποτος ἐγεγράφει. [35] ἀνέστραπτο οὖν τὸ πρῶγμα, καὶ οἱ μὲν ἰδιῶται κοσμίως πάνυ ἐστιώμενοι οὔτε παροινουῦντες οὔτε ἀσχημονοῦντες ἐφαίνοντο, ἀλλ' ἐγέλων μόνον καὶ κατεγίνωσκον αὐτῶν, οἶμαι, οὓς γε ἐθαύμαζον οἰόμενοί τινος εἶναι ἀπὸ τῶν σχημάτων, οἱ σοφοὶ δὲ ἠσέλγαινον καὶ ἐλοιδοροῦντο καὶ ὑπερενεπίπλαντο καὶ ἐκεκράγεσαν καὶ εἰς χεῖρας ἤεσαν. ὁ θαυμάσιος δὲ Ἀλκιδάμας καὶ ἐνούρει ἐν τῷ μέσῳ οὐκ αἰδούμενος τὰς γυναῖκας. καὶ ἐμοὶ ἐδόκει, ὡς ἂν ἄριστα τις εἰκάσειεν, ὁμοιότατα εἶναι τὰ ἐν τῷ συμποσίῳ οἷς περὶ τῆς Ἑριδος οἱ ποιητὰὶ λέγουσιν· οὐ γὰρ κληθεῖσαν αὐτὴν ἐς τοῦ Πηλέως τὸν γάμον ῥῖψαι τὸ μῆλον εἰς τὸ σύνδειπνον, ἀφ' οὗ τοσοῦτον πόλεμον ἐπ' Ἰλίῳ γεγενῆσθαι. καὶ ὁ Ἐτοιμοκλῆς τοίνυν ἐδόκει μοι τὴν ἐπιστολὴν ἐμβαλὼν ἐς τὸ μέσον ὥσπερ τι μῆλον οὐ μείω τῆς Ἰλιάδος κακὰ ἐξεργάσασθαι.

[34] Enquanto isso ocorria, muitas coisas pensei comigo mesmo, como aquelas mais evidentes: de nada é útil aprender as ciências e as artes se isso não aprimora sua vida: ao menos aqueles eu vi serem excepcionais em seus discursos e se exporem ao ridículo em seus atos. Em seguida, me veio à mente, se não é verdade o que dizem, como a erudição os afasta dos raciocínios corretos e faz com que eles dediquem os pensamentos exclusivamente aos livros. De qualquer modo, de tantos filósofos presentes, nenhum deles por acaso era percebido sem falhas. Pelo contrário, uns faziam coisas vergonhosas, outros as diziam: nem posso acusar o vinho como responsável pelos acontecimentos, visto que Hetémocles escreveu sedento e faminto.

[35] E então a situação se invertia: as pessoas sem educação comiam com classe e não pareciam estar bêbadas ou agindo indecorosamente, somente riam e julgavam aqueles a quem admiravam, por pensarem que eram alguém por causa de sua aparência; os sábios, por outro lado, agiam licenciosamente, insultavam-se, fartavam-se, berravam e agrediam-se. O assombroso Alcidamas chegou até a urinar no meio do recinto, sem demonstrar o mínimo respeito com as mulheres. E a mim me parecia, usando o melhor símile possível, que os acontecimentos no banquete eram semelhantes aos contados pelos poetas sobre Éris: esta, não tendo sido convidada ao casamento de Peleu, atirou uma maçã aos convivas, dando origem à guerra de Troia⁶². Também me pareceu que Hetémocles havia jogado a carta no meio do banquete como o pomo da Discórdia, engendrando males não menores que os da Ilíada.

⁶² Éris, não tendo sido convidada atirou aos convidados uma maçã dourada em que se lia *καλλιστη*, para a mais bela. Páris foi o escolhido para decidir entre Hera, Atena e Afrodite, cada uma oferecendo algo diferente para o rapaz: respectivamente poder político, habilidades na guerra e a mulher mais bela, Helena, esposa de Menelau.

[36] Οὐ γὰρ ἐπαύσαντο οἱ ἀμφὶ τὸν Ζηνόθεμι καὶ Κλεόδημον φιλονικούντες, ἐπεὶ μέσος αὐτῶν ὁ Ἀρισταίνετος ἐγένετο· ἀλλὰ, Νῦν μὲν, ἔφη ὁ Κλεόδημος, ἰκανόν, εἰ ἐλεγχθείητε ἀμαθεῖς ὄντες, αὔριον δὲ ἀμυνοῦμαι ὑμᾶς ὄντινα καὶ χρῆ τρόπον· ἀπόκριναί μοι οὖν, ὦ Ζηνόθεμι, ἢ σὺ ἢ ὁ κοσμιώτατος Δίφιλος, καθ' ὅ τι ἀδιάφορον εἶναι λέγοντες τῶν χρημάτων τὴν κτήσιν οὐδὲν ἀλλ' ἢ τοῦτο ἐξ ἀπάντων σκοπεῖτε ὡς πλείω κτήσεσθε καὶ διὰ τοῦτο ἀμφὶ τοὺς πλουσίους ἀεὶ ἔχετε καὶ δανείζετε καὶ τοκογλυφεῖτε καὶ ἐπὶ μισθῶ παιδεύετε, πάλιν τε αὖ τὴν ἡδονὴν μισοῦντες καὶ τῶν Ἐπικουρείων κατηγοροῦντες αὐτοὶ τὰ αἴσχιστα ἡδονῆς ἔνεκα ποιεῖτε καὶ πάσχετε, ἀγανακτοῦντες εἴ τις μὴ καλέσειεν ἐπὶ δεῖπνον· εἰ δὲ καὶ κληθείητε, τσαῦτα μὲν ἐσθίοντες, τσαῦτα δὲ τοῖς οἰκέταις ἐπιδιδόντες· καὶ ἅμα λέγων τὴν ὀθόνην περισπᾶν ἐπεχείρει, ἦν ὁ παῖς εἶχε τοῦ Ζηνοθέμιδος, μεστήν οὖσαν παντοδαπῶν κρεῶν, καὶ ἔμελλε λύσας ἀπορρίπτειν αὐτὰ ἐς τὸ ἔδαφος, ἀλλ' ὁ παῖς οὐκ ἀνήκε καρτερῶς ἀντεχόμενος. [37] καὶ ὁ Ἑρμων, Εὖ γε, ἔφη, ὦ Κλεόδημε, εἰπάτωσαν οὐτινος ἔνεκα ἡδονῆς κατηγοροῦσιν αὐτοὶ ἡδεσθαι ὑπὲρ τοὺς ἄλλους ἀξιούντες. Οὐκ, ἀλλὰ σύ, ἦ δ' ὅς ὁ Ζηνόθεμις, εἰπέ, ὦ Κλεόδημε, καθ' ὅ τι οὐκ ἀδιάφορον ἡγή τὸν πλοῦτον. Οὐ μὲν οὖν, ἀλλὰ σύ. καὶ ἐπὶ πολὺ τὸ τοιοῦτον ἦν, ἄχρι δὴ ὁ Ἴων προκύψας εἰς τὸ ἐμφανέστερον, Παύσασθε, ἔφη· ἐγὼ γάρ, εἰ δοκεῖ, λόγων ἀφορμὰς ὑμῖν ἀξίων τῆς παρούσης ἐορτῆς καταθήσω ἐς τὸ μέσον· ὑμεῖς δὲ ἀφιλονίκως ἐρεῖτε καὶ ἀκούσεσθε ὥσπερ ἀμέλει καὶ παρὰ τῷ ἡμετέρῳ Πλάτωνι ἐν λόγοις ἢ πλείστη διατριβὴ ἐγένετο. πάντες ἐπήνεσαν οἱ παρόντες, καὶ μάλιστα οἱ ἀμφὶ τὸν Ἀρισταίνετόν τε καὶ Εὐκριτον, ἀπαλλάξασθαι τῆς ἀηδίας οὕτω γοῦν ἐλπίσαντες. καὶ μετῆλθέν τε ὁ Ἀρισταίνετος ἐπὶ τὸν αὐτοῦ τόπον εἰρήνην γεγενῆσθαι ἐλπίσας,

[36] Zenôtemis e Cleodemo ainda não tinham parado de discutir quando Aristeneto surgiu no meio deles. Cleodemo dizia: “Mas agora basta! Já que tu, um ignorante, desejas me refutar, acertamos as contas amanhã, do modo que for preciso. Responde-me então, Zenôtemis, tu ou o decentíssimo Dífilo: uma vez que afirmais ser algo indiferente a aquisição de bens materiais, por que tendes em vista adquirir riquezas mais que todas as outras coisas e por causa disso cercais os mais ricos e emprestais dinheiro cobrando altos juros, e cobrais para ensinar? Além disso, também odiais o prazer e investis contra os epicuristas e, no entanto, fazeis e sofreis as coisas mais vergonhosas pelo prazer, indignando-se ao não serdes convidados para jantar, e se sois convidados, vós vos fartais e cedeis alimentos demais aos empregados.” – e ao dizer isso tentou puxar o lenço que o escravo de Zenôtemis segurava, o qual estava repleto de todo tipo de carnes. Cleodemo desejava arrancar o lenço e jogar o conteúdo no chão, mas o escravo resistiu vigorosamente.

[37] Diz então Hermon: “Muito bem, Cleodemo! Que eles esclareçam o porquê de serem contra o prazer quando os próprios se acham mais dignos de tê-lo que os outros”. “Dize tu por que consideras a riqueza algo importante” – respondeu Zenôtemis. “Eu não, tu que o digas!” – redarguiu Cleodemo.

E ficaram assim por um bom tempo, até que o Íon se levantou para chamar mais a atenção e falou: “Basta! Pois eu, se vós aceitais de bom grado, propor-vos-ei um tópico para discussão digno deste dia de festa, e vós discutireis e ouvireis sem brigas, como se fazia no tempo do bom e velho Platão, quando o maior passatempo era o diálogo”.

Todos os presentes aplaudiram, principalmente Aristeneto e Êucrito, esperançosos de que a tensão terminasse. Aristeneto retornou ao seu lugar, esperando que a paz estivesse a caminho.

[38] καὶ ἅμα εἰσεκεκόμιστο ἡμῖν τὸ ἐντελὲς ὀνομαζόμενον δεῖπνον, μία ὄρνις ἐκάστῳ καὶ κρέας ὑὸς καὶ λαγῶα καὶ ἰχθὺς ἐκ ταγήνου καὶ σησαμοῦντες καὶ ὅσα ἐντραγεῖν, καὶ ἐξῆν ἀποφέρεσθαι ταῦτα. προὔκειτο δὲ οὐχ ἓν ἐκάστῳ πινάκιον, ἀλλ' Ἀρισταινέτῳ μὲν καὶ Εὐκρίτῳ ἐπὶ μιᾶς τραπέζης κοινόν, καὶ τὰ παρ' αὐτῷ ἐκάτερον ἐχρῆν λαβεῖν· Ζηνοθέμιδι δὲ τῷ Στωϊκῷ καὶ Ἑρμῶνι τῷ Ἐπικουρείῳ ὁμοίως κοινόν καὶ τούτοις· εἶτα ἐξῆς Κλεοδήμῳ καὶ Ἰωνί, μεθ' οὓς τῷ νυμφίῳ καὶ ἐμοί, τῷ Διφίλῳ δὲ τὰ ἀμφοῖν, ὁ γὰρ Ζήνων ἀπεληλύθει. καὶ μέμνησό μοι τούτων, ὦ Φίλων, διότι δὴ ἐστὶ τι καὶ ἐν αὐτοῖς χρήσιμον ἐς τὸν λόγον.

ΦΙΛΩΝ

Μεμνήσομαι δὴ.

ΛΥΚΙΝΟΣ

[39] Ὁ τοίνυν Ἰων, Πρῶτος οὖν ἄρχομαι, ἔφη, εἰ δοκεῖ. καὶ μικρὸν ἐπισχών, Ἐχρῆν μὲν ἴσως, ἔφη, τοιούτων ἀνδρῶν παρόντων περὶ ἰδεῶν τε καὶ ἀσωμάτων εἰπεῖν καὶ ψυχῆς ἀθανασίας· ἵνα δὲ μὴ ἀντιλέγῳσί μοι ὅποσοι μὴ κατὰ ταῦτα φιλοσοφοῦσιν, περὶ γάμων ἐρῶ τὰ εἰκότα. τὸ μὲν οὖν ἄριστον ἦν μὴ δεῖσθαι γάμων, ἀλλὰ πειθομένους Πλάτωνι καὶ Σωκράτει παιδεραστεῖν· μόνοι γοῦν οἱ τοιοῦτοι ἀποτελεσεῖεν ἂν πρὸς ἀρετήν· εἰ δὲ δεῖ καὶ γυναικείου γάμου, κατὰ τὰ Πλάτωνι δοκοῦντα κοινὰς εἶναι ἐχρῆν τὰς γυναῖκας, ὡς ἔξω ζήλου εἴημεν.

[38] No mesmo instante começaram a nos servir o prato principal: uma ave para cada um, carne de javali e de lebre, peixe frito, bolos de gergelim e tudo quanto se pode deglutir; e era permitido também levar para casa. A comida não ficou à frente de cada um, mas assim como Aristeneto e Êucrito, todos dividiam as mesas, e era preciso que cada convidado pegasse o que estivesse próximo. O estoico Zenôtemis e o epicurista Hermon dividiam uma mesa, Cleodemo e Íon outra, e então o noivo e eu. Dífilo, entretanto, tinha duas porções à sua frente, pois Zenão saíra. Lembra-te disso, pois será importante para o relato.

Filo: Lembrar-me-ei!

[39] E então Íon anunciou: “Iniciarei, se isso vos apraz”. Fez uma breve pausa e retomou: “Talvez devêssemos discursar sobre as ideias, as substâncias incorpóreas e a imortalidade da alma, em presença de homens de tal estirpe: mas para que não me contradigam todos que não filosofam sobre essas coisas, falarei sobre o casamento e o que lhe concerne. Primeiramente, o melhor seria não contrair matrimônio, mas, seguindo o exemplo de Platão e Sócrates, ser pederasta: afinal, somente eles podem se aperfeiçoar até a virtude. Contudo, caso seja realmente necessário, que seja de acordo com os ensinamentos de Platão: as mulheres devem ser propriedade comum, para que não haja desejo de emulação”.

[40] Γέλως ἐπὶ τούτοις ἐγένετο ὡς οὐκ ἐν καιρῷ λεγομένοις. Διονυσόδωρος δέ, Παῦσαι, ἔφη, βαρβαρικὰ ἡμῖν ἄδων· ποῦ γὰρ εὐρίσκοιμεν τὸν ζῆλον ἐπὶ τούτου καὶ παρὰ τίνι; Καὶ σὺ γὰρ φθέγγῃ, κάθαρμα; εἶπεν ὁ Ἴων, καὶ Διονυσόδωρος ἀντελοιδορεῖτο τὰ εἰκότα. ἀλλ' ὁ γραμματικὸς Ἰστιαῖος ὁ βέλτιστος, [41] Παύσασθε, ἔφη· ἐγὼ γὰρ ὑμῖν ἐπιθαλάμιον ἀναγνώσομαι. καὶ ἀρξάμενος ἀνεγίνωσκεν. ἦν δὲ ταῦτα, εἴ γε μέμνημαι, τὰ ἐλεγεία·

Ἦ οἴη ποτ' ἄρ' ἢ γ' Ἀρισταίνετου ἐν μεγάροισι
διὰ Κλεανθὶς ἄνασσ' ἐτρέφετ' ἐνδυκέως,
προὔχουσ' ἀλλάων πασάων παρθενικάων,
κρέσσων τῆς Κυθέρης ἢδ' αὐτῆς Ἑλένης.
νυμφίε, καὶ σὺ δὲ χαίρε, ἴ κρατερῶν κράτιστε ἐφήβων ἴ,
κρέσσων Νιρῆος καὶ Θέτιδος παιδός.
ἄμμες δὴ αὖθ' ὑμῖν τοῦτον θαλαμῆϊον ὕμνον
ξυνὸν ἐπ' ἀμφοτέροις πολλάκις ἀσόμεθα.

[42] Γέλως οὖν ἐπὶ τούτοις, ὡς τὸ εἶκος, γενομένου ἀρέσθαι ἤδη τὰ παρακείμενα ἔδει, καὶ ἀνείλοντο οἱ ἀμφὶ τὸν Ἀρισταίνετον καὶ Εὐκρίτον τὰ πρὸ αὐτοῦ ἐκάτερος κἀγὼ τὰμὰ καὶ ὁ Χαιρέας ὅσα ἐκείνῳ ἔκειτο καὶ Ἴων ὁμοίως καὶ ὁ Κλεόδημος. ὁ δὲ Δίφιλος ἠξίου καὶ τὰ τῷ Ζήνωνι δὴ ἀπόντι παραδοθέντα φέρεσθαι καὶ ἔλεγε μόνῳ οἱ παρατεθῆναι αὐτὰ καὶ πρὸς τοὺς διακόνους ἐμάχετο, καὶ ἀντέσπων τῆς ὄρνιθος ἀντεπειλημμένοι ὥσπερ τὸν Πατρόκλου νεκρὸν ἀνθέλκοντες, καὶ τέλος ἐνίκηθη καὶ ἀφῆκε πολὺν γέλωτα παρασχὼν τοῖς συμπόταις, καὶ μάλιστα ἐπεὶ ἠγανάκτει μετὰ τοῦτο ὡς ἂν τὰ μέγιστα ἠδίκημένος.

[40] Todos se puseram a rir das palavras de Íon, visto que foram ditas fora de ocasião. Dionisodoro interrompeu-o: “Para! Pronúncias barbaridades, pois onde podemos encontrar ‘emulação’ nesse sentido e segundo qual autor?”- “E tu, por que abres a boca, escória?” replicou Íon, sendo rebatido no mesmo nível por Dionisodoro. Interveio então o excelso gramático Histieus: [41] “Basta! Neste instante, declamar-vos-ei um epitalâmio.”Se me recordo bem, assim eram os versos:

“Eis que cresceu Cleantis, a diva madame,
na residência de Aristeneto, com desvelo.
Proeminente entre todas as outras raparigas:
a Afrodite, superior; a Helena, parelha!
Ao noivo, cumprimento-te a ti também,
o mais belo em meio aos rapazes belos,
mais belo que Nereu e o de Tétis filho.
Eu próprio a vós esta canção nupcial banal
Canta-lo-ei a ambos os dois vezes o bastante!

[42] Como era de esperar, a declamação também foi motivo de riso. Logo após o ocorrido, era hora de pegar a comida que estava à frente. Cada um pegou a porção que estava diante de si, exceto Dífilo, que não somente pegou sua parte como também a de Zenão, que estava ausente. Além disso, afirmou que ambas as porções haviam sido servidas a ele, arranjando briga com o servente: cada um agarrou um lado da ave e puxou, como se disputassem o cadáver de Pátroclo. Finalmente Dífilo foi vencido e soltou a ave, o que causou muito riso aos demais convivas, principalmente por ter se irritado tanto, como se tivesse sido grandemente injustiçado.

[43] Οἱ δὲ ἀμφὶ τὸν Ἑρμῶνα καὶ Ζηνόθεμιν ἅμα κατέκειντο, ὥσπερ εἴρηται, ὁ μὲν ὑπεράνω ὁ Ζηνόθεμις, ὁ δ' ὑπ' αὐτόν· παρέκειτο δ' αὐτοῖς τὰ μὲν ἄλλα πάντα ἴσα, καὶ ἀνείλοντο εἰρηνικῶς· ἡ δὲ ὄρνις <ἢ πρὸ τοῦ Ἑρμῶνος> πιμελεστέρα, οὕτως, οἶμαι, τυχόν. ἔδει δὲ καὶ ταύτας ἀναιρεῖσθαι τὴν ἑαυτοῦ ἑκάτερον. ἐν τούτῳ τοίνυν ὁ Ζηνόθεμις·καί μοι, ὦ Φίλων, πάνυ πρόσεχε τὸν νοῦν, ὁμοῦ γάρ ἐσμεν ἤδη τῷ κεφαλαίῳ τῶν πραχθέντων·ὁ δὲ Ζηνόθεμις, φημί, τὴν παρ' αὐτῷ ἀφείς τὴν πρὸ τοῦ Ἑρμῶνος ἀνείλετο πιοτέραν, ὡς ἔφην, οὐδὲσαν· ὁ δ' ἀντεπελάβετο καὶ οὐκ εἶα πλεονεκτεῖν. βοή τὸ ἐπὶ τούτοις, καὶ συμπεσόντες ἔπαιον ἀλλήλους ταῖς ὄρνισιν αὐταῖς εἰς τὰ πρόσωπα, καὶ τῶν πωγῶνων ἐπειλημμένοι ἐπεκαλοῦντο βοηθεῖν, ὁ μὲν τὸν Κλεόδημον ὁ Ἑρμῶν, ὁ δὲ Ζηνόθεμις Ἀλκιδάμαντα καὶ Δίφιλον, καὶ συνίσταντο οἱ μὲν ὡς τοῦτον, οἱ δ' ὡς ἐκεῖνον πλὴν μόνου τοῦ Ἴωνος· ἐκεῖνος δὲ μέσον ἑαυτὸν ἐφύλαττεν.

[43] Hermon e Zenôtemis estavam um ao lado do outro, como já foi dito: o estoico acima e o epicurista abaixo. Serviram-lhes porções idênticas, e os dois começaram a pegá-las pacificamente. No entanto, a ave que fora servida a Hermon era mais succulenta, certamente por acaso. Quando cada um devia pegar sua ave, Zenôtemis – presta muita atenção, Filo, pois já estamos no ápice da festa – retomando, Zenôtemis largou sua porção para apanhar a de Hermon, que, como eu já disse, era a mais gorda. Depois disso houve um grito, e eles caíram, esbofeteando-se com as aves; e ainda agarraram as barbas um do outro, clamando por ajuda. Cleodemo socorreu Hermon e Alcidamas e Dífilo a Zenôtemis: todos tomaram partido, exceto por Íon, que se manteve neutro.

[44] Οἱ δ' ἐμάχοντο συμπλακέντες, καὶ ὁ μὲν Ζηνόθεμις σκύφον ἀράμενος ἀπὸ τῆς τραπέζης κείμενον πρὸ τοῦ Ἀρισταινέτου ρίπτει ἐπὶ τὸν Ἑρμῶνα,

κάκεινου μὲν ἄμαρτε, παραὶ δέ οἱ ἐτράπετ' ἄλλη,

διεῖλε δὲ τοῦ νυμφίου τὸ κρανίον ἐς δύο χρηστῶ μάλα καὶ βαθεῖ τραύματι. βοή οὖν παρὰ τῶν γυναικῶν ἐγένετο καὶ κατεπήδησαν ἐς τὸ μεταίχμιον αἱ πολλαί, καὶ μάλιστα ἡ μήτηρ τοῦ μαιρακίου, ἐπεὶ τὸ αἷμα εἶδε· καὶ ἡ νύμφη δὲ ἀνεπήδησε φοβηθεῖσα περὶ αὐτοῦ. ἐν τούτῳ δὲ ὁ Ἀλκιδάμας ἠρίστευεν τῶ Ζηνοθέμιδι συμμαχῶν, καὶ πατάξας τῇ βακτηρίᾳ τοῦ Κλεοδήμου μὲν τὸ κρανίον, τοῦ Ἑρμῶνος δὲ τὴν σιαγόνα ἐπέτριψεν καὶ τῶν οἰκετῶν ἐνίους βοηθεῖν αὐτοῖς ἐπιχειροῦντας κατέτρωσεν· οὐ μὴν ἀπετράποντο ἐκεῖνοι, ἀλλ' ὁ μὲν Κλεόδημος ὀρθῶ τῶ δακτύλῳ τὸν ὀφθαλμὸν τοῦ Ζηνοθέμιδος ἐξώρυττε καὶ τὴν ῥίνα προσφύς ἀπέτραγεν, ὁ δὲ Ἑρμῶν τὸν Δίφιλον ἐπὶ ξυμμαχίαν ἤκοντα τοῦ Ζηνοθέμιδος ἀφῆκεν ἐπὶ κεφαλὴν ἀπὸ τοῦ κλιντήρος.

[44] Logo eles se atracaram e começaram a lutar. Eis que Zenôtemis pegou uma taça que estava na mesa, à frente de Aristeneto e lançou-a em direção a Hermon...

“...àquele escapou-se lhe ao golpe, des (pulo de lado!) viando-se...”⁶³”

estraçalhando a cabeça do noivo em duas, com boas e principalmente profundas chagas. Ouviu-se um grito vindo das mulheres, e muitas saltaram ao campo de batalha, especialmente a mãe do rapazinho, depois de ver o sangue, e a noiva apressou-se temerosa por ele. Nisto, Alcidas sobrepuxo Zenôtemis na peleja, ao golpear a cabeça de Hermon com seu cajado, esmigalhando seu queixo; além disso, agrediu vários escravos que tentavam socorrer os previamente feridos. No entanto os adversários não foram dissuadidos: Cleodemo, por sua vez, acertou o dedo rijo no olho de Zenôtemis, pegou-o pelo nariz e mordeu-o. Quanto a Hermon, assim que Dífilo veio ao socorro de Zenôtemis, deu-lhe uma cabeçada do sofá.

⁶³ *Iliada* 11, 23.

[45] ἐτρώθη δὲ καὶ Ἰστιαῖος ὁ γραμματικὸς διαλύειν αὐτοὺς ἐπιχειρῶν, λάξ, οἶμαι, εἰς τοὺς ὀδόντας ὑπὸ τοῦ Κλεοδήμου Δίφιλον εἶναι οἰηθέντος. ἔκειτο οὖν ἄθλιος κατὰ τὸν αὐτοῦ Ὅμηρον *χαίμ' ἐμέων*. πλὴν ταραχῆς γε καὶ δακρύων μεστὰ ἦν πάντα. καὶ αἱ μὲν γυναῖκες ἐκώκουν τῷ Χαιρέα περιχυθεῖσαι, οἱ δὲ ἄλλοι κατέπαυον. μέγιστον δὲ ἦν ἀπάντων κακῶν ὁ Ἀλκιδάμας, ἐπεὶ ἅπαξ τὸ καθ' αὐτὸν ἐτρέψατο, παίων τὸν προστυχόντα· καὶ πολλοὶ ἄν, εὖ ἴσθι, ἔπεσον εἰ μὴ κατέαξε τὴν βακτηρίαν. ἐγὼ δὲ παρὰ τὸν τοῖχον ὀρθὸς ἐφεστῶς ἐώρων ἕκαστα οὐκ ἀναμιγνὺς ἑαυτὸν ὑπὸ τοῦ Ἰστιαίου διδαχθεῖς, ὡς ἔστιν ἐπισφαλὲς διαλύειν τὰ τοιαῦτα. Λαπίθας οὖν καὶ Κενταύρους εἶδες ἄν, τραπέζας ἀνατρεπομένας καὶ αἶμα ἐκκεχυμένον καὶ σκύφους ῥιπτομένους.

[46] Τέλος δὲ ὁ Ἀλκιδάμας ἀνατρέψας τὸ λυχνίον σκότος μέγα ἐποίησε, καὶ τὸ πρᾶγμα, ὡς τὸ εἶκόσ, μακρῷ χαλεπώτερον ἐγεγένητο· καὶ γὰρ οὐ ῥαδίως εὐπόρησαν φωτὸς ἄλλου, ἀλλὰ πολλὰ ἐπράχθη καὶ δεινὰ ἐν τῷ σκότῳ. καὶ ἐπεὶ παρῆν τις λύχνον ποτὲ κομίζων, κατελήφθη Ἀλκιδάμας μὲν τὴν αὐλητρίδα ἀπογυμνῶν καὶ πρὸς βίαν συνενεχθῆναι αὐτῇ σπουδάζων, Διονυσόδωρος δὲ ἄλλο τι γελοῖον ἐφωράθη πεποηκῶς· σκύφος γὰρ ἐξέπεσεν ἐκ τοῦ κόλπου ἐξαναστάντος αὐτοῦ. εἶτ' ἀπολογούμενος Ἴωνα ἔφη ἀνελόμενον ἐν τῇ ταραχῇ δοῦναι αὐτῷ, ὅπως μὴ ἀπόλοιτο, καὶ ὁ Ἴων κηδεμονικῶς ἔλεγε τοῦτο πεποηκέναι.

[45] Histieu, que já estava machucado por ter tentado apartar a briga, foi chutado nos dentes por Cleodemo, que supusera aquele ser Dífilo. De qualquer modo o gramático estava deitado e miserável, como dizia Homero, ‘vomitando sangue’. Por todo o lugar havia tumulto e lágrimas: as mulheres lamentavam por Caireas e cercavam-no, enquanto os outros homens tentavam apaziguar os ânimos. Alcidamas foi o maior de todos os males: ao virar-se bruscamente, atingiu tudo que estava a sua volta: e fica sabendo que muitos teriam caído sob ele se seu cajado não tivesse se quebrado. Quanto a mim, tendo aprendido de Histieu como é perigoso intervir nessas situações, estava encostado em uma parede assistindo a tudo sem me intrometer. Poderias compará-los aos Lápitas e aos Centauros, se os tivesse visto derrubando mesas, derramando sangue e atirando taças.

[46] Por fim, Alcidamas acertou o lampião e tudo ficou escuro; a situação, como era de se esperar, ficou ainda pior: não foi fácil obter outra fonte de luz e muitas coisas terríveis aconteceram no breu.

Quando enfim trouxeram outro lampião Alcidamas foi flagrado desnudando a flautista e forçando-a a manter relações com ele; Dionisodoro foi pego em outra situação ridícula, pois uma taça caiu de sua veste quando se levantou. Ele se desculpou e acusou Íon de ter roubado a taça em meio à confusão e lhe passou para que não a perdesse. Íon confirmou solicitamente ter feito isso.

[47] Ἐπὶ τούτοις διελύθη τὸ συμπόσιον τελευτήσαν ἐκ τῶν δακρύων αὖθις εἰς γέλωτα ἐπὶ τῷ Ἀλκιδάμαντι καὶ Διονυσοδώρῳ καὶ Ἴωνι. καὶ οἱ τε τραυματαίαι φοράδην ἐξεκομίζοντο πονηρῶς ἔχοντες, καὶ μάλιστα ὁ πρεσβύτερος ὁ Ζηνόθεμις ἀμφοτέραις τῇ μὲν τῆς ῥινός, τῇ δὲ τοῦ ὀφθαλμοῦ ἐπειλημμένος, βοῶν ἀπόλλυσθαι ὑπὸ ἀλγηδόνων, ὥστε καὶ τὸν Ἑρμῶνα καίπερ ἐν κακοῖς ὄντα δύο γὰρ ὀδόντας ἐξεκέκοπτο ἀντιμαρτύρεσθαι λέγοντα, Μέννησο μέντοι, ὦ Ζηνόθεμι, ὡς οὐκ ἀδιάφορον ἡγήη τὸν πόνον. καὶ ὁ νυμφίος δὲ ἀκεσαμένου τὸ τραῦμα τοῦ Διονίκου ἀπήγετο ἐς τὴν οἰκίαν ταινίαις κατειλημμένος τὴν κεφαλὴν, ἐπὶ τὸ ζευγὸς ἀνατεθεὶς ἐφ' οὗ τὴν νύμφην ἀπάξειν ἔμελλε, πικροὺς ἄθλιος τοὺς γάμους ἐορτάσας· καὶ τῶν ἄλλων δὲ ὁ Διόνικος ἐπεμελεῖτο δὴ τὰ δυνατά, καὶ καθευδήσοντες ἀπήγοντο ἐμοῦντες οἱ πολλοὶ ἐν ταῖς ὁδοῖς. ὁ μέντοι Ἀλκιδάμας αὐτοῦ ἔμεινεν· οὐ γὰρ ἠδυνήθησαν ἐκβαλεῖν τὸν ἄνδρα, ἐπεὶ ἅπαξ καταβαλὼν ἑαυτὸν ἐπὶ τῆς κλίνης πλαγίως ἐκάθευδε.

[48] Τοῦτό σοι τέλος, ὦ καλὲ Φίλων, ἐγένετο τοῦ συμποσίου, ἢ ἄμεινον τὸ τραγικὸν ἐκεῖνο ἐπειπεῖν,

πολλὰ μορφαὶ τῶν δαιμονίων,
πολλὰ δ' ἀέλπτως κραίνουσι θεοί,
καὶ τὰ δοκηθέντ' οὐκ ἐτελέσθη·

ἀπροσδόκητα γὰρ ὡς ἀληθῶς ἀπέβη καὶ ταῦτα. ἐκεῖνό γε μεμάθηκα ἤδη, ὡς οὐκ ἀσφαλὲς ἄπρακτον ὄντα συνεστιᾶσθαι τοιούτοις φιλοσόφοις.

[47] Após os incidentes o banquete deu-se por encerrado, passando das lágrimas ao riso, por causa de Alcidas, Dionisodoro e Íon.

Os feridos foram transportados em estado miserável, principalmente o ancião Zenôtemis, levando uma das mãos ao nariz e outra ao olho, exclamando que morria de dor, de modo que Hermon, embora em mau estado – pois perdera dois dentes – provocou-o: “Lembra-te, Zenôtemis, de que não estás considerando a dor como algo indiferente”.

O noivo, após ter o ferimento examinado por Diônico, foi conduzido com a cabeça enfaixada na carruagem que deveria levar a noiva: amargas núpcias celebrou o infeliz. Quanto aos outros, Diônico fez o que era possível.

Os que dormiam foram acordados para sair, e muitos vomitaram pelas ruas. Contudo Alcidas permaneceu, já que não conseguiram expulsar o homem, que se jogara de lado no sofá e dormia.

[48] Pois bem, Filo, este foi o final do banquete, ou seria melhor dizer como aquele trágico⁶⁴:

“Muitas formas revestem deuses-demos.

Muito cumprem à contra-espera os numes.

Não vigora o previsto. ⁶⁵”

Pois verdadeiramente o que se passou fora imprevisto, ensinando não ser seguro, para uma pessoa simples, jantar com homens tão sábios.

⁶⁴ O autor se refere a Eurípides: tragédias como *As Bacantes e Medeia* encerram-se com esses versos.

⁶⁵ *As Bacantes*, pág 125.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível na História do Pensamento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

ARISTÓTELES. *Art of Rhetoric* in: Complete Works vol XXII Loeb Classical Library. Tradução: John Henry Freese. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

_____. *Poetics* in: Complete Works vol XXIII Loeb Classical Library. Tradução: Stephen Halliwell. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 2000.

BERGSON, H. *Le Rire: essai sur la signification du comique*. Paris: Université de France, 1950.

BOMPAIRE, J. *Lucian écrivain: Imitation et création*. Paris/Torino: Les Belles Lettres/Aragno, 2000.

BOWIE, E. L. Greeks and Their Past in the Second Sophistic in: *Past and Present*, No. 46, pp. 3-41. Oxford University Press, 1970. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/649793>

BRANDÃO, J. L. *A Poética do Hipocentauro: Literatura, Sociedade e Discurso Ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BRANHAM, R. B. *Unruly Eloquence – Lucian and the Comedy of Traditions*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

BUSE, P. A Perspectiva de Luciano de Samósata e a Perspectiva Nietzscheana acerca da Filosofia in *Anais XXIII SEC*, p. 36-41. Araraquara: Editora UNESP, 2008. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/ec/BANCO%20DE%20DADOS/XXIII%20SEC/TEXTOS/ARTIGOS%20PDF/buse.pdf>

CAMPOS, H. *Iliada de Homero* (2 vol.). Introdução e organização: Trajano Vieira. São Paulo: Editora Arx, 2003.

CASTER, M. *Lucien et la Pensée Religieuse de Son Temps*. Paris: Les Belles Lettres, 1937.

CÍCERO. *De L'Orateur*. Tradução: Edmond Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

EASTERLING, P.E. e KNOX B.M.W.(org.) *The Cambridge History of Classical literature, Vol I, Parte 4- The Hellenistic Period and the Empire*. Londres: Cambridge University Press, 1993.

FALCÓN, M.C.; FERNÁNDEZ-GALIANO, E. LÓPEZ-MELERO, R. - *Dicionário de Mitologia Clássica*. Tradução: Ana Patrão, Miguel Ribeiro de Almeida e Teresa Rebelo da Silva. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

FERNANDES, F. *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. São Paulo: Globo, 1991

FRAZEL, T. D. Priapus' two rapes in Ovid's Fasti in *Arethusa* vol. 36, No. 1, 2003, pp. 61-97. Disponível em <http://muse.jhu.edu/login?uri=/journals/arethusa/v036/36.1frazel.pdf>

GENETTE, G. *Palimpsestos – a Literatura de Segunda Mão*. Extratos traduzidos por: Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HIME, H.W.L. *Lucian the Syrian satirist*. Londres: Longmans, 1900. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/luciansyriansat01himegoog#page/n14/mode/1up>

HOUSEHOLDER, F. W. *Litterary Quotation and Allusion in Lucian*. New York: King's Crown Press, 1941.

JONES, C. P. *Culture and Society in Lucian*, Cambridge: Harvard University Press, 1986.

LIDDEL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon – based on the german work of Francis Passow*. Nova Iorque: Harper& Brothers Publishers, 1853.

LUCIAN. *Vols I-VII*. In: Loeb Classical Library. Traduzido por: A.M. Harmon. Cambridge: Harvard University Press, 1913-2006.

LUCIANO, *Dialoghi di Dei e di Cortigiane*. Tradução: Alessandro Lami e Franco Maltomini. Milão: Biblioteca Universale Rizzoli, 2001.

LUCIANO. *Diálogos dos Mortos*. Tradução: Henrique G. Murachco. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. *Alexandre ou le Faux Prophète*. Tradução: Marcel Caster. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

LUCIEN. *Oeuvres – Tome II*. Tradução: Jacques Bompaire. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

LUCIEN. *Oeuvres Complètes – Tome III*. Tradução: Émile Chambry. Paris: Garnier, 1934.

Loukianos ' in Suda On Line. Nossa tradução. Disponível em <http://www.stoa.org/sol-entries/lambda/683>

MALHADAS, D., CONSOLIN, M. C. e NEVES, M. H. de M. . *Dicionário grego-português (DGP vols I- IV)*. Cotia, SP: Ateliê, 2006-2009.

MARQUIS, E. Le Philosophe chez Lucian: savant ou charlatan? In: *Schadea* (republicação) n°5 Fascicule n°1, 2007. Disponível em: <http://www.unicaen.fr/services/puc/ecriture/preprints/preprint0052007.pdf>

MINOIS, G. *História do Riso e do Escárnio*. Tradução: Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

OVID. *Vol. V - Fasti* in: Loeb Classical Library. Traduzido por: James Frazer, 1996.

PLATÃO. *A República*. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006

_____. *Tome IX, 2e partie : Philèbe* in: Oeuvres complètes. Tradução: Auguste Diès. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

PLEBE, A. *Breve História da Retórica Antiga*. Tradução: Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: Edusp, 1978.

QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*. Tradução: H. E. Butler. Cambridge: Harvard University press, 1996.

REALE, G., ANTISERI D. *História da Filosofia*. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

ROBINSON, C. *Lucian and his Influence in Europe*. Londres: Editora Duckworth, 1979.

ROMANO, R. Voltaire e a Sátira in *Trans/Form/Ação* v.20,p. 07-37, São Paulo: UNESP, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31731997000100001&script=sci_arttext

SARTRE, M. *Le Haut-Empire Romain – Les provinces de Méditerranée orientale d'Auguste aux Sévères*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. Tradução: Alessandro Zir. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VIEIRA, T. *As Bacantes de Eurípedes*. Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: editora Perspectiva, 2003.